



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

**REPRESENTAÇÕES DIALÓGICAS DA IDENTIDADE DA
PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF NO
GÊNERO DISCURSIVO CHARGE**

ANA KARLA ALVES DE MENEZES

CAMPINA GRANDE – PB

2015

ANA KARLA ALVES DE MENEZES

**REPRESENTAÇÕES DIALÓGICAS DA IDENTIDADE DA PRESIDENTE
DILMA ROUSSEFF NO GÊNERO DISCURSIVO CHARGE**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa – da Universidade Federal de Campina Grande, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Manassés Morais Xavier

CAMPINA GRANDE – PB

2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

M543r Menezes, Ana Karla Alves de.
Representações dialógicas da identidade da presidente Dilma Rousseff no gênero discurso charge / Ana Karla Alves de Menezes.
– Campina Grande, 2015.
76 f.: il. color.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) –
Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades,
2015.

"Orientação: Prof. Ms. Manassés Morais Xavier".
Referências.

1. Relações Dialógicas. 2. Enunciado. 3. Gênero Discursivo
Charge. 4. Dilma Rousseff. I. Xavier, Manassés Morais. II. Título.

CDU 801(043)

**REPRESENTAÇÕES DIALÓGICAS DA IDENTIDADE DA PRESIDENTE
DILMA ROUSSEFF NO GÊNERO DISCURSIVO CHARGE**

ANA KARLA ALVES DE MENEZES

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de
Letras – Língua Portuguesa – da Universidade
Federal de Campina Grande, como pré-requisito
para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Manassés Morais Xavier NOTA: 10,0
Prof. Ms. Manassés Morais Xavier (UAL/UFCG)
Orientador

Aloísio de Medeiros Dantas NOTA: 10,0
Prof. Dr. Aloísio de Medeiros Dantas (UAL/UFCG)
Examinador

Cléa Gurgão Carneiro NOTA: 10,0
Prof. Ms. Cléa Gurgão Carneiro (DLA/UEPB)
Examinadora

Monografia aprovada em: 10 de março de 2015

Média: 10,0

CAMPINA GRANDE – PB

2015

*Dedico este trabalho a Deus, por ser essencial
em minha vida, autor de meu destino, socorro
nas horas de angústia e desânimo.
A minha mãe Francicleide, que no período de
todo o curso me ajudou com sua paciência,
compreensão e amor, demonstrando que eu
era capaz de superar esses momentos de
tribulações.
E a meu irmão, Alisson, por tudo – que foi,
que é e que ainda virá a ser, exemplo de
vitória.*

AGRADECIMENTOS

Hoje, vivo uma realidade que sempre pareceu idealização, mas busquei transformá-la em situação real e, sendo assim, alcancei com muita determinação, esforço, paciência e perseverança um sonho, embora saiba que estou no primeiro degrau da escada que almejo subir. Porém, para que esse objetivo tornasse realidade eu jamais chegaria sozinha. Minha afetuosa gratidão a todos aqueles que contribuíram para que este sonho pudesse ser concretizado.

A Deus, motivo da minha existência e das escolhas que fiz, faço e farei enquanto ser humano; que me deu forças que nunca imaginaria ter para vencer os obstáculos; que me segurou pela mão para que eu não temesse os dias sombrios; que me levou no colo quando a caminhada tornou-se insuportável para os meus pés e eu quis desistir; pelas oportunidades que Ele me proporcionou e me fez acreditar que eu era capaz de vencê-las; e a Ele que sempre esteve e estará comigo nos momentos festivos e nos momentos de angústias.

Aos meus pais Gilvan Menezes e Francicleide Menezes, pelo amor incondicional: pelas palavras de conforto e incentivos, pelo suporte emocional e por estarem sempre me apoiando na busca de meus objetivos.

Ao meu irmão Alisson Menezes pelo incentivo, suporte e torcida constantes nestes cinco anos de curso, mostrando que sempre acreditou em mim, o ânimo que você me deu foi essencial para chegar até aqui!

A minha avó, Iracema Menezes, pelas orações para que eu caminhasse e chegasse até aqui, sempre me incentivando e torcendo por esse momento sublime.

A minha família, que é grande. Em números, feitos, em dar apoio, na compreensão pelos momentos em que precisei estar ausente, na doação de carinho e, sobretudo, de coração.

Ao meu namorado Jonas Ferreira, por todo amor, carinho e apoio nesta fase de minha vida, pela paciência em compreender meus momentos de agonia. Agradeço também por toda força que me destes, demonstrando o amor que sentes por mim e a vontade de me ver sempre crescer e vencer.

A minha amiga Rejane Moraes, pelo carinho e ajuda material em minha vida escolar e acadêmica. Seu incentivo me fez superar vários obstáculos e acreditar que existem pessoas, assim como você, que torcem por mim.

A minha grande amiga, minha dupla Suzianne Ramos, por se fazer presente nos momentos mais difíceis, buscando compreender e incentivar essa fase de minha vida. Deus foi

muito misericordioso em me conceder o convívio com você, pois ter você ao meu lado esses cinco anos foi essencial. Obrigada pelo carinho, apoio, compreensão, paciência nos momentos em que estive bastante agoniada. Você é um suporte que Ele me deu!

Aos meus amigos de curso, Alexsandro Macêdo e Fabrício Costa, pela paciência que estiveram comigo em todo esse percurso, bem como a confiança e segurança que sempre depositaram em mim, acreditando que eu seria capaz bem mais do que imaginava. Não irei esquecer-me das madrugadas que estive na companhia de vocês *online*!

Ao meu orientador, amigo e “xodó”, Manassés Morais Xavier, que assumiu comigo esta responsabilidade, pelo interesse, sabedoria, dedicação, paciência em me instruir durante o desenvolvimento deste trabalho, pelas oportunidades e incentivos que me proporcionou e proporciona. Além disso, por me inspirar ser uma profissional melhor ainda, através dos seus ensinamentos que têm ultrapassado os limites acadêmicos: conduta, caráter e exemplo de ser humano. Neste curso, aprendi com você ser muito mais do que uma professora e agradeço por toda a sua gratidão. Portanto, só tenho que agradecer não só pelas orientações, mas, acima de tudo, por sua companhia e amizade, tenha certeza que foi o que mais me motivou a seguir e acreditar em uma educação melhor.

Aos membros da banca, Aloísio Dantas e Cléa Gurjão, pela disponibilidade, interesse, dedicação e sugestões que aperfeiçoaram este trabalho. Cléa, a minha professora de Redação da escola, aquela que me inspirou a vida acadêmica, em especial ao curso de Letras, e hoje se encontra participando dessa primeira etapa de minha vida. Aloísio, obrigada pelos seus ensinamentos desde o primeiro período do curso até essa primeira conclusão, bem como as nossas conversas informais que sempre acabavam por relaxar os momentos tensos de minha vida acadêmica.

Aos competentes funcionários e professores da Unidade Acadêmica de Letras pelo profissionalismo e conhecimento compartilhado, especialmente Marciano Siqueira e Seu Valdemar que estiveram presentes durante esses cinco anos de curso, não medindo esforços para ajudar no que estivesse ao alcance.

E, finalmente, a todos e todas que de uma forma direta ou indireta compreenderam e incentivaram meus sonhos e ideais, oferecendo apoio e coragem para que pudesse vencer este novo desafio!

*Agir, eis a inteligência verdadeira. Serei o que
quiser. Mas tenho que querer o que for. O
êxito está em ter êxito, e não em ter condições
de êxito. Condições de palácio tem qualquer
terra larga, mas onde estará o palácio se não
o fizerem ali?*

Fernando Pessoa

RESUMO

Sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso, representada por Bakhtin e o seu Círculo e por trabalhos de estudiosos como Brait (2005), Faraco (2003), Fiorin (2006), Sobral (2009), dentre outros, o presente trabalho objetiva, de forma geral, analisar as relações dialógicas no gênero discursivo charge que tem como tema a identidade da presidente Dilma Rousseff. Quanto aos objetivos específicos, destacamos: a) estabelecer as relações dialógicas entre as vozes presentes nos discursos proferidos pelas charges e b) compreender as diferentes formas de representação da presidente Dilma nos pontos de vista dos sujeitos enunciadore das charges. Nosso objeto de estudo são charges que trazem um olhar crítico sobre a política brasileira, mais especificamente sobre a figura da presidente Dilma no evento da Copa do Mundo, na Corrida Presidencial de 2014 e no escândalo da Petrobrás. A pesquisa é descritiva - explicativa e o *corpus* selecionado constitui-se de 08 (oito) charges hospedadas no *Google Imagens*. Do ponto de vista dos resultados da pesquisa, consideramos que o *corpus* analisado evidenciou que as representações dialógicas denunciam ou fazem surgir compreensões que demonstram nas charges aspectos, sobretudo, de reprovação à figura de Dilma Rousseff, em conformidade com as próprias especificidades e dimensões do gênero em estudo – que é o de provocar, pelo humor, críticas e/ou ironias.

Palavras-chave: Relações Dialógicas. Enunciado. Gênero Discursivo Charge. Dilma Rousseff.

ABSTRACT

About the perspective of the Dialogic Analysis of the Speech, represented by Bakhtin and his Circle and also by some researches such as Brait (2005), Fiorin (2006), Sobral (2009), and others, the following project aims to, in a general way, analyse the dialogic relations in the dialogical genre charge that has the identity of president Dilma Rousseff as its topic. About the specific objects we highlight: a) to establish the dialogic relations between the voices presented in the speeches of the charges. Our study object are the charges that bring a critical view over the Brazilian politics, more specific about president Dilma in the World Cup, the 2014's Presidential Run and the scandal at Petrobrás. The research is descriptive and the analysed corpus showed that the dialogical representations either denounce or let show comprehensions that reveal in the charges aspects, overall, of denial to Dilma Rousseff's image, in conformation to the specificities and dimensions of the genre in study themselves - which is to provoke, through humor, critics and/or ironies.

Keywords: Dialogic Relations. Statement. Dialogical Charge Genre. Dilma Rousseff.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Copa do Mundo I	48
Figura 02 – Copa do Mundo II	50
Figura 03 – Corrida Presidencial (1º turno)	54
Figura 04 – Formação Presidencial	57
Figura 05 – Corrida Presidencial (2º turno)	59
Figura 06 – Resultado das eleições 2014	61
Figura 07 – Escândalo da Petrobrás I	64
Figura 08 – Escândalo da Petrobrás II	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: UM OLHAR INICIAL.....	11
CAPÍTULO I UM OLHAR TEÓRICO SOBRE OS GÊNEROS DO DISCURSO	15
1.1 A noção de gêneros do discurso	15
1.2 O gênero discursivo charge	18
CAPÍTULO II UM OLHAR SOBRE A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO:.....	23
O QUE É? COMO SE FAZ?	23
2.1 O dialogismo constitutivo da linguagem: no que consiste?	23
2.2 Noções de Enunciado Concreto.....	26
2.3 Polifonia: a orquestração das vozes.....	29
2.4 Ironia: o cômico expressivo.....	31
CAPÍTULO III A IDENTIDADE EM FOCO	34
3.1 Sujeito ideológico	34
3.2 Entendo o conceito de identidade.....	37
CAPÍTULO IV UM OLHAR SOBRE AS QUESTÕES METODOLÓGICAS E ANALÍTICAS DA PESQUISA	43
4.1 Área de inserção da pesquisa.....	43
4.2 Natureza e tipo de pesquisa	44
4.3 O contexto da pesquisa e critérios de análise dos dados	45
4.4 Dilma Rousseff em charges: análise dialógica do verbo-visual	46
4.4.1 Copa do Mundo.....	47
4.4.2 Corrida Presidencial.....	53
4.4.3 Escândalo da Petrobrás.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM OLHAR QUE PERMITE DIALOGISMOS	70
REFERÊNCIAS	73

INTRODUÇÃO: UM OLHAR INICIAL

A política tem um papel fundamental no dia-a-dia em nossas vidas, pois queiramos ou não, ela é um “elemento” que está intrínseco em nosso meio social. Para Charaudeau (2006), a palavra política funciona entre uma verdade do dizer e uma verdade do fazer: uma verdade da ação que se manifesta através de uma palavra de decisão, e outra que se desdobra através de uma palavra de persuasão (razão) ou sedução (paixão).

Uma característica do discurso jornalístico é a aptidão de incorporar e mediar os discursos de vários sujeitos sociais. Isso faz da mídia um cenário de interesses em competição daqueles que querem ver divulgados os seus discursos. Especificamente, no momento de uma disputa política, é possível verificar o reflexo dela na imprensa e, por meio dos pressupostos da Análise Dialógica do Discurso, verifica-se a possibilidade de pôr em reflexão as condições de construção do discurso político a partir dos enunciados dos diferentes sujeitos.

A noção de dialogismo - escrita em que se lê o outro, o discurso do outro no eu - pode ser encarado como filosofia de vida, fundamentação da política, concepção de mundo, entre outras perspectivas. Por isso, tomamos como aporte, o pensamento do intelectual soviético Bakhtin (2011), para quem

cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo: ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (BAKHTIN, 2011, p. 297)

Na perspectiva bakhtiniana, o princípio dialógico é a característica essencial da linguagem e, por isso, a linguagem e as línguas têm uma natureza intrinsecamente política, porque sujeitam os falantes a sua ordem. Tendo em vista as diferentes esferas de atividade humana, os gêneros discursivos¹, utilizados nos mais diversos ambientes linguísticos, retratam/refratam de forma dinâmica, histórica e situada, essa transformação da/na linguagem.

Os gêneros discursivos da esfera jornalística cumprem relevante função para a sociedade, seja como divulgação da informação, seja através do anúncio de produtos e oferta de serviços, ou contribuindo para a formação de opinião, por meio de artigos, crônicas, charges e demais gêneros da esfera do jornalismo opinativo. Vale destacar que a charge é um

¹ Aprofundaremos a noção de gêneros discursivos no CAPÍTULO IV – UM OLHAR SOBRE A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: O QUE É? COMO SE FAZ?.

gênero constituído de um texto curto e preciso, com uma linguagem que pode variar de acordo com a intenção comunicativa, sendo organizado por elementos verbais e não-verbais e que tem como suporte de circulação, principalmente, jornais, embora apareça também em revistas, *sites* e outros meios. A charge tem por função provocar o humor, o riso, com o objetivo de atrair o leitor para uma crítica. Porém, de forma descontraída, mais leve que outros gêneros dentro da mesma esfera ou suporte.

Então, em meio a variedade de gêneros existentes nas diferentes esferas sociais da atividade humana, recorreu-se, para o desenvolvimento deste trabalho, à esfera jornalística e, mais especificamente, ao gênero discursivo charge², na perspectiva de refletir sobre a construção dialógica da identidade da Presidente Dilma Rousseff no gênero supracitado, convocando sentidos sobre como, a partir dos gêneros discursivos, a temática política e as relações dialógicas da linguagem se estabelecem, isto é, como a política gerencia a produção de gêneros discursivos dialógicos por natureza, dentre eles a charge.

Neste trabalho, optamos pelo estudo discursivo da política brasileira, em especial, a figura da presidente Dilma Rousseff. A pesquisa se dá em função da relevância de termos a primeira mulher presidente do Brasil, pela disputa do poder, bem como as críticas que são referendadas ao Partido dos Trabalhadores (PT), ao qual a atual presidente é filiada. Pensando nisso, partimos da seguinte questão-problema: Quais as representações dialógicas da presidente Dilma Rousseff são convocadas em charges políticas?

Orientados por esse questionamento, a pesquisa, em foco, objetiva, de forma geral, analisar as relações dialógicas no gênero discursivo charge que tem como tema a identidade da presidente Dilma Rousseff. Quanto aos objetivos específicos, destacamos: a) estabelecer as relações dialógicas entre as vozes presentes nos discursos proferidos pelas charges e b) compreender as diferentes formas de representação da presidente Dilma nos pontos de vista dos sujeitos enunciadore das charges.

Esse estudo justifica-se pela busca em analisar como as relações dialógicas ocorrem no processo de produção dialógica de charges políticas, especificamente na figura da presidente Dilma Rousseff, evidenciando cada vez mais que o discurso se realiza dentro de situações concretas de enunciados, mostrando que todo discurso é ideológico por natureza e, conseqüentemente, reflete e refrata as posições sociais da vida em sociedade, isto é, a construção de identidade enquanto sujeito político, conforme a teoria defendida neste trabalho monográfico.

² Em relação às especificidades deste gênero discursivo abordaremos no CAPÍTULO IV – UM OLHAR SOBRE A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: O QUE É? COMO SE FAZ?.

Sendo assim, é oportuno destacar o estudo da charge por dispor de um conteúdo crítico que tem como alvo acontecimentos ocorridos na sociedade, principalmente quando se trata de fatos políticos, como nosso objeto de estudo. Além disso, há outra característica também marcante, que é o humor, o que mostra que a opinião, nesse gênero discursivo, é tratada por estas duas vias (o humor e a ironia). Então, a relevância desse estudo se dá, também, devido ao acréscimo de conhecimento à própria população, visto que demonstrará os discursos que perpassam as charges políticas tecidos à presidente do Brasil.

Ainda, contribuirá, enquanto licenciada em Letras, na aquisição de melhor apreensão do trabalho com o gênero discursivo charge, pois se acredita que a multimodalidade³ existente nas charges possibilite e estimule os educandos à prática da leitura, uma vez que o contato com esse gênero discursivo, leve e agradável, possibilita uma intimidade com o ato de ler. Também, vale ressaltar que, enquanto recurso didático, a charge se apresenta muito favorável ao trabalho em sala de aula, uma vez que pode despertar o senso crítico do aluno, contribuir para enriquecer o seu conhecimento enciclopédico e proporcionar a compreensão do mundo em que vive⁴.

Este estudo configura-se como uma pesquisa em Análise Dialógica do Discurso (ADD), especificamente sobre leituras dialógicas de charges. Trata-se de uma pesquisa descritiva - explicativa, de cunho qualitativo, cujo *corpus* é constituído da seleção de 08 charges políticas colhidas na internet, em *sites*, e de diferentes enunciados, especificamente no período da eleição presidencial. A abordagem teórica metodológica utilizada no estudo foi a dialógica, comparando os textos no tempo e nas respostas que uns dão aos outros e apresentando como os enunciados se concretizam, ocupam o lugar na interação social e suscitam respostas, uma vez que os textos não podem ser analisados sem considerar que são enunciados respostas.

Esta pesquisa é fundamentada nos pressupostos teóricos propostos por Bakhtin acerca dos gêneros discursivos, bem como pela Análise Dialógica do Discurso (ADD), representada também por trabalhos de alguns estudiosos como Brait (2012), Faraco (2003), Fiorin (2006) e Sobral (2009); e, ainda, por Romualdo (2000), Nascimento (2010), dentre outros que abordam as características do gênero em análise.

³ Termo que será abordado no CAPÍTULO IV – UM OLHAR SOBRE A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: O QUE É? COMO SE FAZ?.

⁴ Embora destaques a relevância da charge em contexto didático, reforçamos nesta nota que não constitui interesse direto deste trabalho a discussão do gênero como recurso produtivo ao ensino contemporâneo de Língua Portuguesa.

De modo a contemplar o objetivo proposto, esta monografia está organizada em quatro partes: introdução, quatro capítulos, sendo um metodológico, dois teóricos e um teórico-analítico, bem como as considerações finais seguidas das referências.

No Capítulo I, intitulado de “Um olhar teórico sobre os gêneros do discurso”, descrevemos a noção de gênero do discurso e, em seguida, o conceito de gênero discursivo charge.

No Capítulo II, denominado de “A Análise Dialógica do Discurso: O que é? Como se faz?”, evidenciamos os fundamentos que subjazem a teoria dialógica da linguagem. Para tanto, levamos em consideração alguns conceitos específicos que são tematizados nessa teoria, a saber: dialogismo, enunciado concreto, polifonia e ironia.

No Capítulo III, que tem como título “A Identidade em Foco”, discutimos as concepções de identidade, já que nosso estudo está intimamente relacionado a esse objeto.

O Capítulo IV, designado de “Um olhar sobre as questões metodológica e analíticas da pesquisa”, se constitui de duas partes: na primeira, descrevemos a área de inserção da pesquisa, a natureza e tipo de pesquisa e o contexto da geração de dados da pesquisa e critérios de análise; na segunda, apresentamos a análise feita das categorias: em função do gênero e em função de temas sociais, como Copa do Mundo, Corrida Presidencial e o Escândalo da Petrobrás. Por fim, nas Considerações Finais evidenciamos respostas à questão-problema da pesquisa, bem como ao alcance dos objetivos assumidos diante da produção deste trabalho monográfico.

A seguir apresentamos as discussões teóricas acerca da noção de gêneros discursivos.

CAPÍTULO I

UM OLHAR TEÓRICO SOBRE OS GÊNEROS DO DISCURSO

Neste capítulo, objetivamos responder aos questionamentos elencados na introdução da presente monografia. Para tanto, organizamos o capítulo em três partes. Na primeira, enfocamos aspectos relacionados a noção de gêneros do discurso. Na segunda parte, enfocamos a discussão acerca do gênero discurso charge, o gênero em análise. E, por fim, analisamos os dados.

1.1 A noção de gêneros do discurso

Os gêneros do discurso surgem nas esferas da atividade humana e incluem diálogos cotidianos diversos, assim como enunciações da vida pública, institucional, artística, científica, entre outras. Sobre a diversidade dos gêneros discursivos, Bakhtin (2011) diz que

a riqueza e variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 2011, p. 280)

É por meio dos gêneros que a comunicação verbal se efetua, uma vez que ela só é possível mediante o uso de determinado gênero. Estes, por sua vez, são constituídos nas esferas comunicativas e se realizam na forma de enunciados.

Partindo deste pressuposto, cabe focalizar que sua funcionalidade está diretamente ligada às práticas sociais, nas quais exerce sua função dependendo do contexto comunicativo, isto é, das situações comunicativas. Nesse sentido, pensar na noção de gênero nos leva a perceber sua íntima relação com as várias esferas de atividades humanas e usos da língua, uma vez que os gêneros discursivos permitem relações interativas mediante os processos de produção da linguagem.

Assim, podemos aferir, em relação aos gêneros do discurso, que eles são “concebidos como [...] dispositivo de organização, troca, divulgação, armazenamento, transmissão e, sobretudo, de criação de mensagens em contextos culturais específicos” (MACHADO, 2012, p. 158). Ou seja, os gêneros discursivos se constituem como produtos de um povo afetado pelos aspectos cultural e sócio-histórico, cuja existência se procede a partir das práticas de linguagem.

Na visão de Bakhtin (2011), o gênero se manifesta no uso concreto da linguagem, nascendo sempre a partir de uma função social. Para o autor, os gêneros discursivos são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, “formas relativamente estáveis e normativas do enunciado”. A diversidade de gênero é infinita, uma vez que não se esgotam as possibilidades da “multiforme atividade humana”. E a estabilidade se dá na medida em que o gênero conserva traços que o identificam como tal. No entanto, ele também é mutável porque está em constante transformação, podendo se alterar a cada evento enunciativo e podendo até se transformar em outro gênero. É a expressão “relativamente” que marca o seu caráter mutante, enquanto as expressões “formas”, “estáveis” e “normativas” marcam o seu aspecto estável (SOBRAL, 2009).

A relevância dos gêneros é compreendida no postulado apresentado por Bakhtin (2011, p. 302) quando assevera que “a diversidade [dos] gêneros deve-se ao fato de eles variarem conforme as circunstâncias, a posição social e o relacionamento pessoal dos parceiros”. Em vista disto, notamos que a flexibilidade apresentada por eles propicia seu funcionamento como recursos de reconhecimento e significação social para as práticas linguísticas, uma vez que determinadas situações de comunicação discursiva proporcionam seu emprego.

O gênero possui uma lógica orgânica, que não é abstrata, pois cada variedade nova, cada nova obra de um gênero, sempre a generaliza de algum modo e contribui para o aperfeiçoamento da linguagem do gênero. Podemos, então, definir gênero como certas formas ou tipos relativamente estáveis de enunciados/discursos que possuem uma lógica própria-concreta, que recorrem a certos tipos estáveis de textualização. No decorrer do tempo, certas formas de gênero se cristalizaram, porém isso não ocorre de forma engessada, uma vez que os gêneros se acham em constantes mudanças, de acordo com as necessidades sociais (BAKHTIN, 2003 *apud* SOBRAL, 2009, p. 119).

Esses gêneros surgem de tradições com as quais se relacionam de algum modo e, assim como a cultura é atravessada por transformações, as formas discursivas também são suscetíveis de modificações. Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua (BAKHTIN, 2011, p. 282).

O conceito que mais aparece nas obras bakhtinianas sobre gêneros discursivos é o seguinte:

o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados orais e escritos, concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo temático e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional [...] estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado. [...] evidentemente, cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2011, p. 261)

O gênero discursivo surge por uma necessidade sócio-histórica e está ligado a um espaço social, que Bakhtin (2011) denomina de esfera da atividade (lugar – não físico – de recorte sócio-histórico-ideológico do mundo, das relações específicas entre os sujeitos).

Bakhtin estabelece uma divisão dos gêneros em primários e secundários. Os primeiros se originam na esfera cotidiana, modalidade menos complexa, advindo de interações verbais espontâneas, que não necessita ser elaborado em um ambiente cultural. Os segundos são mais complexos, são gêneros ideologicamente constituídos – romance, drama, pesquisas científicas de toda a espécie, entre outros. Os gêneros secundários absorvem e transmitem os primários, sem que isso deixe de trazer suas marcas. Assim, os gêneros primários se transformam e adquirem um caráter especial (BAKHTIN, 2011, p. 263-264).

Os estudos sobre os gêneros do discurso em Bakhtin tiveram grande respaldo no que se refere ao processo dialógico comunicativo, pois são processos do uso real da linguagem, da comunicação fundada na palavra e na pluralidade de signos presentes em cada cultura, isto é, funcionam como um terreno fértil para se investir em ações didáticas que se aproximam de uma perspectiva de ensino de língua vinculada a sua natureza de prática social, de atividade viva e concreta de uso linguageiro.

Outro elemento de extrema importância a respeito do gênero do discurso é o papel do interlocutor do enunciado. De acordo com Bakhtin (2011, p. 321), cada “um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero”. Isso significa que, quando o enunciado é produzido, o locutor tende a antecipar a resposta ou atitude responsiva do interlocutor e essa resposta presumida influenciará o seu próprio enunciado. Essa presunção é fator que determina a escolha do gênero do discurso a ser usado pelo locutor, de acordo com o intuito comunicativo que deseja alcançar.

1.2 O gênero discursivo charge

Atualmente, entre os mais diversos ambientes de propagação de informações estão presentes o protesto e a crítica que são feitos ao sistema de modo geral, mas especificamente à política e aos governantes que regem esse sistema. Uma das formas de se criticar é utilizando argumentos persuasivos e lógicos que possam convencer o leitor, podendo ser através da sátira e da ironia, maneira de chamar a atenção do leitor explorando o riso e sarcasmo, usados como meio para criar conexão com o leitor e convencê-lo a aderir às ideias do discurso. Na sociedade atual, o número de jornais televisivos e impressos que estão utilizando a sátira enquanto elemento crítico do discurso está crescendo abundantemente.

Neste sentido, podemos dizer que a charge é um dos meios acima descritos, pois se usa a ironia e a sátira para se produzir o riso e, através dela, busca-se criticar a atuação de sujeitos sociais, tendo como destaque os governantes políticos. Para que o objetivo da charge se efetive, os chargistas utilizam o recurso da derrisão que “consiste na associação do humor e da agressão que a caracteriza e a distingue, em princípio da pura injúria”, conforme Bonnafoos (2003, *apud* BENITES, 2010, p. 154). Deste modo, a sátira crítica denuncia ao mesmo tempo em que faz rir, livrando o chargista de crimes como os de calúnia e difamação à pessoa física.

Diante disso, é necessário expormos como a *charge* surgiu na história e, também, qual a sua função social. O gênero *charge*, segundo Silva (2011), surgiu na França do século XIX, com a função político-social de protesto contra a não liberdade de expressão da imprensa. Esse termo *charge* é “proveniente do francês ‘*charger*’ (carregar, exagerar). Sendo fundamentalmente uma espécie de crônica humorística, a charge tem o caráter de crítica, provocando o hilário, cujo efeito é conseguido por meio do exagero” (MACÊDO; SOUSA, 2011). Entre as principais características desse gênero estão a caricatura, a sátira e a ironia. Além disso, ele também se caracteriza por articular o verbal e o não-verbal para constituir os efeitos de sentidos para o discurso humorístico. Normalmente, esse gênero aparece em jornal e revista, mas, usualmente, vem ganhando espaço em *sites* específicos para a sua divulgação.

A charge apropria-se de discursos que povoam a sociedade e os atualiza através da linguagem do *humor*, esse é um gênero diretamente ligado ao cotidiano social, pois aborda, de forma humorística, valores, política, problemas sociais etc. e, com isso, propaga *ideologias*, tendo, assim, uma grande aceitação popular.

Esse diálogo com outros discursos na charge, segundo Pilla e Quadros (2009, p. 02), “requer um entendimento contemporâneo ao momento em que se estabelece a relação

discursiva entre interlocutores, pois somente assim é possível perceber as estratégias utilizadas pelos vários atores sociais envolvidos no contexto de produção”.

Segundo Bakhtin (1998; 1981), os gêneros que sustentam relação com as tradições do cômico-sério ainda cultivam a essência carnavalesca. A partir de suas reflexões sobre a carnavalização e polifonia pode-se compreender e identificar o gênero charge.

É pertinente frisarmos que o significado de uma produção difere de um chargista para outro, sendo que a essência da charge é a crítica jornalística à política nacional. Intensas vezes, a leitura de um texto imagético necessita de um conhecimento mais aprofundado do leitor sobre o tema abordado, por consequência da duplicidade de sentido e dos implícitos presentes na charge a percepção de um leitor ingênuo se restringe apenas ao cômico, não atingindo o objetivo do chargista, que é a crítica por meio do humor. Desta forma, salienta-se que a charge discute questões sociais e políticas que são exploradas observando os recursos linguísticos, discursivos e gráfico-visuais.

Romualdo (2000) expõe que uma das peculiaridades da charge é a polifonia, um jogo de vozes que se atravessam. Outro aspecto importante é a representação de um mundo às avessas, marcando o real muitas vezes não observado, contudo, vivenciado por meio da inversão de valores sociais altamente em voga hoje. Tal representação satiriza esse fato oculto proporcionando ao leitor uma visão crítica da realidade.

Levando em consideração o ponto da polifonia, é válido salientar que todo discurso é marcado por suas condições sócio-históricas de produção, bem como pelos sujeitos que nessas condições atuam. Assim, os discursos verbo-visuais⁵ não fogem desta prerrogativa. Benites (2010) assegura que

deste modo, também para a imagem não há um sentido a priori, nem se pode pensar em um estatuto de neutralidade para os elementos visuais. Eles refletem as condições próprias de um sujeito que procura significar/interpretar a si e o mundo, a partir de um código diferente da escrita, mas igualmente sujeito a deslizos e equívocos. (BENITES, 2010, p. 153)

Dessa maneira, por meio da imagem, que é de rápida leitura, a charge jornalística atrai a atenção do leitor, pois, com caráter polifônico este gênero tem o poder de conduzir diversas

⁵ As charges virtuais têm um caráter verbo-voco-visual. Com o mesmo fundamento da charge estática, surgem as charges virtuais ou eletrônicas, que renovam os traços tradicionais e apresentam novos elementos na sua composição, como cores, animação e sons, capazes de acrescentar e trazer ângulos diferentes de exposição dos fatos e interpretação que transparecem as possibilidades por meio das expressões, da voz, enfim, de todos os recursos dos desenhos gráficos computadorizados. Esses fatos colaboram com a natureza plástica dos gêneros, já que são resultados de práticas de ações sociais marcadas histórico-temporalmente. Entretanto, no nosso trabalho não trabalhamos com charges virtuais móveis, apenas com charges virtuais estáticas.

informações de maneira concisa, provocando, através do humor crítico, reflexões sobre a atualidade sócio-político-econômica do país. Romualdo (2000) salienta que

a charge é um tipo de texto que atrai o leitor, pois, enquanto imagem é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada. Além da facilidade de leitura, o texto chárstico diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor. (ROMUALDO, 2000, p. 05)

Em uma perspectiva bakhtiniana, cada gênero possui composição, conteúdo e estilo. Bakhtin (2011, p. 321) salienta que “cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero”. Do ponto de vista composicional, há uma relação entre o verbal e o não-verbal que são distribuídos na cor, no padrão gráfico e nas ilustrações. O conteúdo temático esperado, na maioria das vezes, é a crítica de forma bem humorada. Em se tratando de estilo, na charge, devido a uma escassez de espaço, a produção escrita é breve e a linguagem é marcada pela informalidade.

O gênero charge mistura, geralmente, de forma harmoniosa as duas linguagens – a verbal e a não-verbal –, constituindo textos sincréticos e efeitos de sentidos na oscilação entre o já-dito e o não-dito. Cada gênero possui função definida, sendo utilizados em diferentes campos discursivos, isto é, “em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo. Uma determinada função e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados tipos de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 266). Assim, percebe-se, em gêneros como a charge, características que agregam dois discursos simultaneamente: o político e o humorístico.

Para que se compreenda a charge, é necessário possuir um conhecimento de mundo acerca do tema abordado, ou seja, que se recupere o seu contexto de produção, considerando suas circunstâncias históricas, políticas, ideológicas e sociais, bem como as informações que estavam sendo veiculadas no período em que esse gênero foi publicado. Só assim é que o leitor compreenderá o teor da crítica que está sendo feita, bem como o humor presente.

Como afirma Nascimento (2010),

o humor e a ironia nesse gênero, na maioria das vezes, são veiculados de maneira implícita ou sob o viés da polifonia, ou seja, através de informações sugeridas ou de manipulação de diferentes pontos de vista, que geralmente se contradizem e são, por sua vez, ironizados no interior do texto. (NASCIMENTO, 2010, p. 74)

A charge, enquanto gênero, não se constitui como um discurso ofensivo, mas que discursivamente gera críticas e questiona determinada atividade, pessoa, momento. No entanto, faz com que o leitor questione valores e crenças, posicionando-se perante o que é posto pela sociedade. Isso faz refletir que é a partir da imagem do outro que o sujeito (leitor) constrói uma imagem do mundo e dele mesmo. O discurso é uma ação que transmite uma ideologia e que é a partir dessa alocação que as identidades são representadas.

Por outro lado, ao criticar a política, espera-se uma reação, uma atitude responsiva do público alvo em relação ao que é dito em uma charge ou piada sobre os/a políticos/política, seja qual for a natureza da atitude: um pensamento, uma revolta, um discurso de oposição ou simplesmente o riso. Chegamos, então, à função social do discurso humorístico sobre a política: a crítica reflexiva. Devemos entender que o discurso político é sério e como todo discurso que envolve a seriedade, conforme afirma Bakhtin (1998), ele quer se estabilizar, se autopreservar, sendo esta a sua obstinação. O riso já é despreocupado e através da crítica causa efeitos devastadores: destrona, desarticula, desestabiliza, causa polêmica em torno de algum fato ou personagem político.

O processo de destronamento ou desqualificação é um mecanismo linguístico-discursivo ao que podemos denominar de derrisão. Esse processo consiste em uma estratégia argumentativa na qual se associam o humor e a agressividade/crítica (BARONAS; SIQUERI, 2006). Nas charges selecionadas como *corpus* desta pesquisa, observamos que ao deslocar o enunciado do campo discursivo político para o campo discursivo humorístico, o enunciador/autor utiliza-se da derrisão como procedimento para argumentar contra o discurso político. Assim, o enunciado descolado de seu campo discursivo primitivo já é outro. Percebe-se no segundo enunciado uma negação do já-dito e essa negação dá-se em forma de crítica derrisória, desqualificatória, gerando o riso através da ridicularização.

Observemos que a derrisão utiliza-se de um enunciado efetivamente dito em um campo discursivo determinado, considerado o discurso original ou primeiro e a repetição desse enunciado, consideramos um outro enunciado ou o enunciado segundo, que emerge como resposta ao primeiro. O processo derrisório subverte e perverte o primeiro discurso e, ao mesmo tempo, cria uma imagem negativa do enunciador do primeiro discurso (BARONAS; SIQUERI, 2006).

O primeiro discurso quer estabilizar-se e o segundo quer desestabilizar o primeiro. Esse jogo entre o dito e o repetido gera o humor e simultaneamente a crítica, pois na necessidade de se preservar o discurso primeiro também critica o segundo, em movimentos e deslocamentos constantes.

Deve-se considerar que a charge é um gênero em que as relações dialógicas estão muito presentes, um espaço por onde perpassam muitas vozes de origens diversas, e, sendo assim, o produtor do discurso às apreende para comunicar sua opinião. Assim, resta aos leitores identificar os pontos de vista abordados no gênero para que tomem uma posição responsiva, concordando ou discordando com o que está sendo posto.

O humor é um aspecto importante para a sociedade. De acordo com Brait (2008, p. 17), o discurso humorístico “possibilita o desnudamento de determinados aspectos culturais, sociais ou mesmo estéticos, encobertos pelos discursos mais sérios e, muitas vezes, bem menos críticos”. Isso ocorre porque o sujeito que enuncia através de enunciados humorísticos não pode ser julgado pelo que diz. Sobre o discurso humorístico não recaem as regras forjadas durante a história e que se perpetuam e recaem sobre outros discursos.

Contudo, é importante dizermos que o discurso humorístico trabalha contra tabus e ao mesmo tempo os cria, pois quando um judeu ou homossexual é alvo de uma piada, o enunciador, autor da piada, está fortalecendo um tabu constituído historicamente. Assim, em certa medida, o discurso humorístico sobre a política reforça algumas “verdades” cristalizadas e, às vezes, até banaliza este tema, com afirmações sobre os políticos corruptos, o poder corrompe as pessoas, entre outros.

Geralmente, as charges são de caráter político e a materialidade verbal e não verbal dos desenhos são representações de personagens atuantes na área da política do país. O chargista caracteriza esses personagens em conformidade com os acontecimentos do cotidiano, nos quais constrói um discurso capaz de expressar ideologias, utiliza-se de cores, formas, tempo, espaço e época, satirizam fatos específicos de conhecimento público. Assim, o chargista atinge um grande número de interlocutores que possui acesso a esse gênero discursivo (charge).

As charges se expressam em uma linguagem mista (verbal e não verbal). Existem situações ou condições de produções específicas em que a charge pode causar reações negativas ou positivas pelo seu efeito de sentido ou outras como, por exemplo, partidos políticos, pois os desenhos e as representações constituem-se em discurso que denuncia a quem ou ao que se refere à charge, tendo em vista os fatos ou acontecimentos do momento. Devemos considerar para a leitura da charge os elementos de representação nos desenhos, como as expressões faciais, os elementos tipográficos, as cores, os tamanhos de letras, o contorno, o traçado etc. E, além disso, considerar as palavras e expressões que ativam informações implícitas e que direcionam o leitor para certos posicionamentos e julgamentos.

CAPÍTULO II

UM OLHAR SOBRE A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: O QUE É? COMO SE FAZ?

Essa seção visa abordar teoricamente a concepção da ADD e alguns dos conceitos por ela convocados. Para tanto, divide-se em quatro itens: 1) Dialogismo; 2) Enunciado concreto; 3) Polifonia e 4) Ironia. A ADD compreende a linguagem humana como um constante processo de interação mediado pelo diálogo - e não apenas como um sistema autônomo, assim como a língua só existe em função do uso que locutores e interlocutores fazem dela em situações de comunicações.

2.1 O dialogismo constitutivo da linguagem: no que consiste?

Bakhtin e o Círculo⁶ formulam o conceito de dialogismo considerado como o princípio constitutivo da linguagem. Segundo eles, a linguagem, sendo em sua natureza concreta, viva, em seu uso real, tem a característica de ser dialógica. Nessa perspectiva, ao tratar da linguagem como natureza real/viva considera-se que a língua não é um sistema abstrato de formas linguísticas, mas entende-se a língua a partir desses elementos linguísticos “num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2009, p. 93).

Em outras palavras, valoriza o aspecto social da fala que está intimamente ligada à enunciação, sendo assim, instaura a interação. O que é importante para o locutor é que a forma linguística se torne um signo que seja adequado para se concretizar num dado contexto. Trata-se de compreender a língua, pois o sentido da palavra é determinado por sua situação contextual e ideologicamente situada.

Os membros do Círculo exploram a ideia de que a linguagem não é falada no vazio e, sim, em uma situação histórica e social concreta. Para Bakhtin (1998), a linguagem é, por constituição, dialógica e a língua não é ideologicamente neutra e sim complexa, pois, a partir do uso e dos traços dos discursos que nela se imprimem, instalam-se choques e contradições.

⁶ O pensamento bakhtiniano não é constituído apenas pelos escritos do filósofo da linguagem Mikhail Mikhalovich **Bakhtin**, mas também pela produção de intelectuais de diferentes áreas que com ele participaram, na Rússia compreendido entre os anos 1920 e 1970, de vários e produtivos Círculos de discussão e construção de uma postura singular em relação à linguagem e seus estudos. Dentre esses intelectuais citamos Valentin Nikolaevich **Volochínov** e Pavel Nikolaievitch **Medvedev**.

Isso significa que desconsiderar a natureza dialógica, é ignorar a ligação que existe entre a linguagem e a vida, isso porque a construção da linguagem é realizada sócio-histórica e ideologicamente.

O dialogismo refere-se à ideia de que todo ato humano envolve a relação com outros atos. Essa relação dialógica não se resume apenas ao diálogo face a face, pois “todos os enunciados no processo de enunciação independentemente de sua dimensão, são dialógicos”. (FIORIN, 2006b, p. 19). É importante destacar que nessa dialogização existe a relação dialógica da palavra que é sempre perpassada pela palavra do outro. Assim, o falante, para constituir seu discurso, considera o discurso de outrem, que está presente no seu. O discurso está sempre atravessado por discursos “alheios”, pois não há nenhum discurso que não seja voltado para os discursos que o circundam.

Nesse sentido, o dialogismo é, justamente, essa relação de significação que se estabelece entre dois (ou mais) enunciados. Nesses termos, quando falamos em discurso, necessariamente nos referimos às palavras, pois, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras. Desse modo, não nos referimos à palavra no sentido puramente linguístico, mas a de que o locutor faz uso da língua para a utilização de suas necessidades enunciativas concretas, pois está voltada para a enunciação.

O enunciado tem autor, pois pode reivindicar sua autoria e é sempre uma réplica que permite resposta. Sendo assim, enunciação diz respeito a um sujeito que fala e necessita do outro, mas não como sujeito passivo, e sim como ativo, numa ação colaborativa. Bakhtin (2011, p. 271) afirma que “o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele, completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc”.

Isso quer dizer que todo enunciado é vivo e tem sua natureza responsiva, transformando, assim, o ouvinte (leitor) também em falante, pois o próprio falante não assume uma ação unicamente passiva. O falante pressupõe a existência da língua que usa, mas também a de alguns enunciados antecedentes, quer seus, quer dos outros, isto é, enunciados já conhecidos do ouvinte. Dessa maneira, “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 272).

Podemos afirmar, então, que as noções de enunciado/enunciação têm caráter fundamental na concepção de linguagem do pensamento bakhtiniano, pois esta linguagem é concebida em relação com os aspectos históricos, culturais e sociais e, além disso, inclui os sujeitos e os discursos que estão nela envolvidos. Dessa forma, a enunciação segue uma

perspectiva tecida pela dimensão discursiva implicada pela sua natureza constitutivamente interativa, social, histórica e cultural.

Bakhtin, ao afirmar que o ato de fala não deve ser considerado como algo individual, no sentido estrito do termo, mas como algo de natureza social, consolida essa afirmação a partir da concepção de interação verbal, já que as unidades reais da cadeia verbal são as enunciações. Nesse sentido, “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 112), pois a palavra dirige-se a um interlocutor numa dada situação social. Como bem lembra Sobral (2009), é a partir da interação que há a construção contínua do sentido, pois sem a interação, há um distanciamento do diálogo e, com isso, não existe sentido. Isso porque a interação é fundada no diálogo, que vai além da relação face a face e que envolve mais de um sujeito: o eu e o outro.

A língua é, para Bakhtin, constituída pelo fenômeno social da interação verbal que é realizada pela enunciação ou enunciações. A interação constitui, assim, a realidade essencial da língua. Assim, define-se, então, que o verdadeiro interesse de Bakhtin é a linguagem enquanto uso e em interação social, e a enunciação seria o momento de “consagração” deste uso que envolve, além da presença do locutor e do interlocutor, o momento sociohistórico e ideológico. O processo de interação entre sujeitos está marcado pela enunciação, pois a palavra possui duas “faces”: começa de alguém com destino a outro alguém. Com isso, Bakhtin e Volochínov (1926) estabelecem o princípio dialógico.

Segundo Bakhtin (2010), o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem na qual todos os enunciados constituem-se a partir de outros, pois todo enunciado é dialógico. Nas palavras de Bakhtin (1981, p. 123), o diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.

Dessa maneira, qualquer que seja o ato verbal, as relações dialógicas conferem sentidos que podem ser de divergência ou convergência, de acordo ou desacordo, de aceitação ou não, dentre outros sentidos. As relações dialógicas, a partir dos enunciados, acontecem a partir de uma voz com outras vozes sociais. O que evidencia que, sendo a sociedade dividida em grupos sociais que possuem ideias divergentes, esses enunciados assumem também relações de desacordos.

Defende-se, nesses termos, a tese de que cada ser humano é social e individual, ou seja, ele faz parte de um grupo em que circulam ideologias, valores, princípios e, conseqüentemente, sua produção discursiva ou de linguagem refletirá sua relação com esse meio. Sendo assim, esse grupo no qual o ser humano está inserido determina o que ele deve ou como deve falar, pois pensa sempre no outro para se comunicar.

A concepção dialógica defende que, antes mesmo de falar, “o locutor altera, ‘modula’ sua fala, seu modo de dizer, de acordo com a imagem presumida que cria de interlocutores típicos, ou seja, representativos do grupo a que se dirige” (SOBRAL, 2009, p. 39). Nessa perspectiva, o dialogismo diz respeito às relações entre enunciados e sujeitos socialmente organizados. Isso porque, em Bakhtin, o sujeito não é submisso à sociedade, tampouco assume uma subjetividade autônoma em relação a ela. O que acontece é que o sujeito constitui-se discursivamente a partir da apreensão das vozes sociais. Conclui-se, então, que o sujeito é constitutivamente dialógico.

2.2 Noções de Enunciado Concreto

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (BAKHTIN/VOLCHÍNOV, 2009), vê-se a dedicação à linguagem em geral e, por esse aspecto, nota-se também o interesse pelas características e formas do intercurso (comunicação) social pelo qual o significado é realizado, centrando a ideia de que a linguagem não é falada no vazio, mas dentro de determinados contextos de situação histórica e social concreta, que admitem, portanto, atualizações dos enunciados. Isso pode ser comprovado pelo que é dito por Bakhtin e Volochínov (2009, p. 109) no livro supracitado ao elucidarem que todo enunciado real possui um sentido e as palavras assumem significações diversas em função do sentido do enunciado, resultando no conceito de que o sentido da palavra é determinado por seu contexto.

Brait e Melo (2012), ainda sobre os escritos de Bakhtin e Volochínov (2009), dizem que um dos méritos dessa obra é justamente ter difundido a ideia de enunciação, de presença de sujeito e de história na existência de um enunciado concreto⁷, apontando para a enunciação como sendo de natureza constitutivamente social, histórica e que, por isso, liga-se a enunciações anteriores e a enunciações posteriores, produzindo e fazendo circular discursos.

Compreender o pensamento de Bakhtin requer que mergulhemos em um mundo permeado por relações dialógicas, no qual o sujeito se constitui a medida que vai ao encontro

⁷ Destaque especial para Émile Benveniste que é uma referência nos estudos da enunciação.

do outro. Conforme Bakhtin se posicionava: “de minha parte, em todas as coisas, ouço as vozes e sua relação dialógica” (BAKHTIN, 2011, p. 413). Segundo a perspectiva bakhtiniana, pela qual o outro é imprescindível na construção do nosso ‘eu’, a linguagem é percebida a partir de uma concepção dialógica.

Em outras palavras, a linguagem e seu uso prático estão vinculados a um conteúdo ideológico, sendo assim, seus signos são variáveis e flexíveis, apresentando um caráter mutável, histórico e polissêmico. Na verdade, a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna, é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência.

É no contato entre a língua e a realidade concreta, via enunciado, que a palavra pode expressar um juízo de valor, uma significação, uma expressividade. O significado é construído no discurso e essa construção envolve os participantes, a situação imediata ou o contexto mais amplo.

O enunciado é um elo da corrente da comunicação verbal, de cunho social e, portanto, de conteúdo ideológico. Sua estrutura é determinada pelo contexto social, “o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo”. (BAKHTIN, 2011, p. 121). Dito de outra maneira, o enunciado é sempre uma resposta a um enunciado anterior. O locutor mantém relação não só com o objeto da enunciação, como também com os enunciados dos outros. Qualquer enunciado está sempre em busca de uma resposta, de uma atitude responsiva do outro.

Dessa maneira, a linguagem é um fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação, uma vez que esta é o produto da interação de sujeitos socialmente organizados. Assim, todo e qualquer texto, seja ele verbal ou não-verbal, é detentor de uma natureza sóciointerativa, porque quem o produz tem uma intenção comunicativa.

A pessoa de quem o locutor espera uma resposta – o interlocutor – é um participante ativo na cadeia discursiva; o enunciado é construído em função da sua resposta. O locutor dá forma ao seu enunciado a partir do ponto de vista do outro, isto é, a palavra é um território compartilhado. Sendo assim, uma intenção enunciativa é sempre mediada pelas intenções dos outros.

Isto não significa que não posso fazer com que meu próprio ponto de vista seja entendido; mas implica simplesmente que o meu ponto de vista há de emergir somente através

da interação de minhas próprias palavras e as de um outro, à medida que elas contendem umas com as outras em situações particulares.

Bakhtin (2011, p. 297) compara as ressonâncias dialógicas entre os enunciados com a formação do pensamento. Assim, como nosso pensamento desenvolve-se na interação e no confronto com o pensamento do outro, o mesmo pode ser observado com os enunciados. Em todos eles ressoam palavras do outro em maior ou menor grau de explicitação. Ou seja, não são indiferentes uns aos outros nem autossuficientes, conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto de ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunidade verbal. Um enunciado nunca é o primeiro, nem o último; é apenas o elo de uma cadeia e não pode ser estudado fora dessa cadeia.

Conforme afirma Bakhtin (2011, p. 282), “a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escola de um certo gênero de discurso”. Portanto, o discurso só existe na forma de enunciações concretas de determinados falantes, isto é, os sujeitos do discurso. Os enunciados concretos, como unidade real da comunicação, ocorrem a partir da alternância dos sujeitos dos discursos, isto porque o sujeito termina seu enunciado para passar a palavra ao outro, tornando-se um ser responsável e participativo pelo que enuncia, um agente produtor de sentidos dos discursos que são produzidos socialmente em situações concretas.

Os tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados de acordo com cada esfera de troca social (esfera de utilização da língua) são chamados de gêneros do discurso. Bakhtin (2011, p. 302) pontua: “se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível” – a noção de gêneros do discurso será apresentada no último capítulo deste texto monográfico.

Ao utilizarmos a língua, sempre o fazemos num dado gênero, ainda que possamos não ter consciência disso. A variedade dos gêneros discursivos é muito grande, abrangendo tanto situações de comunicação oral como de escrita, englobando, desde as formas cotidianas mais padronizadas até as mais livres e formas discursivas mais elaboradas.

Para Bakhtin (2010), todo discurso humano é uma rede complexa de interrelações dialógicas com outros enunciados.

Eu nunca estou livre para impor minha intenção desimpedida, mas devo sempre mediá-la através das intenções dos outros, a começar pela autoridade da linguagem em que estou falando. Tenho que entrar em diálogo com outrem”. (BAKHTIN, 2010, p. 35)

De acordo com a teoria bakhtiniana, o dialogismo reafirma a natureza sociocultural do enunciado. O indivíduo, ao mesmo tempo que negocia com seu interlocutor, recebe influências deste, as quais interferirão na estrutura e na organização do enunciado. O dialogismo destaca a natureza contextual da interação e o aspecto sociocultural dos contextos, nos quais as interações se realizam. Considera toda enunciação como sendo um ato responsivo, uma resposta suscitada pelo contexto, ao contrário do monologismo, que enfatiza as iniciativas discursivas individuais do falante desvinculadas do seu interlocutor.

Bakhtin aborda o discurso humano argumentando que ele é uma rede complexa de interrelações dialógicas com outros enunciados. Enfoca o conceito de diálogo e a noção de que a língua em qualquer de suas modalidades é sempre um diálogo. Porém, o termo diálogo utilizado por Bakhtin engloba algo mais amplo. A concepção de linguagem em Bakhtin se fundamenta num caráter dialógico.

Para ele, todo enunciado faz parte de um diálogo. Portanto, de um processo de comunicação ininterrupto. Cabe ressaltar que a concepção bakhtiniana de diálogo ultrapassa a noção de conversa, pois o diálogo não é entendido meramente no sentido óbvio de conversação entre duas pessoas. “O diálogo é concebido de maneira mais compreensiva como o extensivo conjunto de condições que são imediatamente moldadas em qualquer troca real entre duas pessoas, mas não são exauridas em semelhante intercâmbio” (CLARK; HOLQUIST, 1998, p. 36).

Dois enunciados, separados um do outro no espaço e no tempo e que nada sabem um do outro, revelam-se em relação dialógica mediante uma confrontação do sentidos, desde que haja alguma convergência do significado (ainda que seja algo insignificante em comum no tema, no ponto de vista etc.).

Para Bakhtin (2010), o homem e a linguagem estão sócio-historicamente situados e, portanto, o significado é construído a partir da relação ou diálogo entre o discurso e a situação imediata ou o contexto mais amplo em que então envolvidos os participantes.

2.3 Polifonia: a orquestração das vozes

Outro conceito que permeia a linguagem e os discursos é o princípio polifônico, que se traduz em um mundo de vozes dialogando entre si em constante relação dialógica em enunciados. A polifonia para Bakhtin (2010) é na verdade um tipo de dialogismo, mais especificamente, é a complexa relação entre as vozes do autor e das personagens numa obra; é a “orquestração” dessas vozes.

Em decorrência das características de pluralidade e de alteridade que circundam as trocas discursivas, Bakhtin insiste na interação de vozes entre os discursos, visto que todos os enunciados estão marcados por diferentes vozes provenientes de diversos falantes e de variados contextos. Souza (2008, p. 341) atesta que “somente a tensão entre as múltiplas vozes que participam do diálogo da vida pode dar conta da integridade e da complexidade do real”.

A realidade linguística se apresenta para Bakhtin como um mundo de vozes sociais em múltiplas relações dialógicas – relações de recusa e aceitação, de convergência e divergência, de harmonia e de conflitos, de intersecções e hibridizações (FARACO, 2003). É mergulhado nas múltiplas relações da interação socioideológica que o sujeito se constitui discursivamente, assimilando as vozes sociais. Como a realidade linguística é heterogênea, o sujeito não assimila só uma voz social, mas várias.

Ao assumir o conceito de vozes sociais, Bakhtin contrasta a noção de diálogo (composto por duas ou mais vozes) com a ideia de monólogo (constituído por apenas uma voz). A linguagem monologizada não considera a palavra como um conjunto em que diferentes significados coexistem e se esquece de que a palavra não é nunca exata e precisa (KRAMER, 2003, p. 80). Já o diálogo leva em conta a palavra do(s) interlocutor(es) e as condições concretas da comunicação verbal.

Voz, conforme definido por Bakhtin (1981), se refere à consciência falante presente nos enunciados e sua característica fundamental é que ela sempre carrega um juízo de valor, uma visão de mundo. O enunciado é composto por diferentes pontos de vista, ou seja, por meio de diferentes consciências falantes ou vozes. Tais ideias decorrem da natureza ideológica e dialógica da linguagem proposta por Bakhtin. Para ele, a língua não é neutra e não passa a pertencer facilmente às intenções do falante, mas é povoada pelas intenções dos outros. É muito difícil impedir que outros influenciem nossas intenções.

Bakhtin (2011) insistia na relação eu/outro, mas o eu e o outro são universos de valores distintos. Com o relacionamento entre os dois, cada um recebe valorizações diferentes, o que nos permite tomar posições axiológicas em cada momento de nossas vidas, com relação a certos valores. Os sujeitos falantes refletem as vozes sociais e essas diferentes vozes ecoam entre os interlocutores e para além deles.

O mesmo autor se importava com a dialogização das vozes sociais e o encontro sociocultural que essas proporcionam, bem como a dinâmica que assim se estabelece, por se apoiarem mutuamente, se diluírem em outras e assim por diante. “Em outras palavras, ‘o verdadeiro ambiente de um enunciado é plurilinguismo dialogizado (são as fronteiras) em que

as vozes sociais se entrecruzam continuamente de maneira multiforme, processo em que se vão também formando novas vozes sociais” (FARACO, 2003, p. 57).

No discurso polifônico, há uma pluralidade de vozes que coexistem em função do caráter dialógico das práticas discursivas; as relações dialógicas entre discursos são perceptíveis, isto é, deixam-se ver ou entrever. A polifonia ou heteroglossia, por sua vez, diz respeito à introdução do enunciado alheio no contexto do nosso próprio discurso. Portanto, a ironia pode ser descrita como “dizer uma coisa e significar outra”. Essa explicação é, entretanto, limitada, pois falta considerar a natureza dialógica da ironia: o fato de que um enunciado irônico ‘ecoa’ o enunciado de outro.

Em consequência da sua concepção dialógica e polifônica da linguagem, Bakhtin (2011) sustenta que a palavra não é propriedade exclusiva do falante. Isso porque outras vozes que antecederam àquela atividade comunicativa estão presentes na palavra do locutor. O sujeito falante, na perspectiva bakhtiniana, é um ser histórico e ideológico, cujo discurso reflete variadas vozes sociais.

Para o autor citado acima, estas diferentes vozes ecoam entre os interlocutores e para além deles. Daí, o “cantor da polifonia” afirmar que “em cada palavra há vozes, vozes que podem ser infinitamente longínquas, anônimas, quase despersonalizadas, inapreensíveis e vozes próximas que soam simultaneamente” (BAKHTIN, 2011, p. 353). Portanto, conclui-se que há distinção entre a polifonia (dialogismo polifônico) e a dialogia (monofonia ou dialogismo monofônico).

2.4 Ironia: o cômico expressivo

A ironia dentro de uma perspectiva linguística se configura numa espécie de texto cômico expressivo, que causa riso como uma construção de entendimento da linguagem. Denise Jardon (1988) estabelece uma tipologia que inclui a ironia, a sátira, o humor e a paródia como fazendo parte do que ela chama de “tipos de discursos cômicos”, com base numa perspectiva que privilegia a abordagem linguística, bem como o fato desses tipos de discursos estarem ligados ao riso.

Percebemos na ironia uma espécie de jogo proposital do dito e do não dito, que estabelece uma relação de contiguidade perante o leitor para alcançar os sinais contextuais dentro de um determinado tema, que geralmente é de cunho coletivo.

A linguagem em si é rica de artifícios que fazem com que os interlocutores produzam efeitos de sentidos dentro dos enunciados escritos ou falados, usando a ironia como um desses

artifícios para estimular a reflexão sobre um episódio que esteja socialmente em pauta, estabelecendo com o interlocutor um sentido que não deixa de ser ambíguo para abrir possibilidades para novas leituras de um mesmo fato.

No que confere a ironia numa perspectiva dialógica, ressaltamos os conceitos de Brait (2008), enfatizando dois tipos de ironia, a ironia verbal e a referencial, cada uma com sua especificidade. A primeira implica um trio actancial: o locutor dirige o discurso irônico para um receptor e este vai caçoar de um terceiro, que é o alvo da ironia. A “ironia referencial” vai existir quando acontece uma contradição diante de dois fatos contíguos, envolvendo o mesmo sujeito.

A respeito dessa informação podemos apresentar a seguinte citação:

o termo “ironia”, predicando normalmente a propósito de um objeto verbal e denotando uma figura retórica, encontra-se aqui [ironia referencial] utilizada para descrever um fenômeno de ordem referencial: ele não é o único a sofrer essa transferência de emprego, assim designa-se perfeitamente como metáfora a semelhança de dois objetos, como metonímia sua contiguidade espacial ou temporal; diz-se das coisas que elas rimam, dos acontecimentos que eles formam “quiasmo” etc.. (KERBRAT-ORECCHIONI, 1988, p. 17)

A ironia como figura de linguagem caracteriza-se pelo fato de estabelecer numa relação de contrariedade no ato do enunciado. No gênero discursivo charge uma de suas características marcantes é justamente o uso da ironia junto com o humor, uma vez que ambos têm conceitos diferenciados, mas que, juntos, formam o humor irônico.

Reconhece-se uma afirmação irônica quando o sentido daquilo que se afirma inverte-se em função do contexto ou da situação que a gerou. De acordo com Brait (2008, p. 17) o discurso humorístico “possibilita o desnudamento de determinados aspectos culturais, sociais ou mesmo estéticos, encobertos pelos discursos mais sérios e, muitas vezes, bem menos críticos”.

A ironia dentro de uma perspectiva linguística se configura numa espécie de texto cômico expressivo, que causa riso como uma construção de entendimento da linguagem. Jardon (1988) estabelece a importância para completude do entendimento de discursos proferidos o indivíduo leitor se apropriar de seus conhecimentos de mundo para desvendar o que a ironia traduz.

Isso ocorre porque o sujeito que enuncia através de enunciados humorísticos não pode ser julgado pelo que diz. Assim, em certa medida, o discurso humorístico sobre a política reforça algumas “verdades” cristalizadas, e, às vezes, até banaliza este tema. Por outro lado, ao criticar a política, espera-se uma reação, uma atitude responsiva do público alvo em

relação ao que é dito em uma charge sobre os políticos/política, seja qual for a natureza da atitude: um pensamento, uma revolta, um discurso de oposição ou simplesmente o riso. Chegamos, então, à função social do discurso humorístico sobre a política: a crítica reflexiva.

Para que ocorra a ironia é preciso que os intérpretes sejam capazes de reconhecer que o significado de um texto dito não é o significado de quem produziu o texto. Ela é um recurso que evidencia a relação dialógica da linguagem, ou a presença do outro, propondo novos valores, sem que os anteriores sejam apagados. O reconhecimento do texto irônico está ligado a vários fatores, como: 1) falta muito evidente de comunicação entre o que se quer dizer e o que foi dito; 2) indicação no tom da voz do falante e 3) pressuposto dos intérpretes sobre quem está falando.

É, justamente, a partir desses fatores que as relações dialógicas são convocadas na compreensão de gêneros que possuem, dentro de suas especificidades, o tom irônico, como é o caso da charge e como apresentaremos no capítulo teórico-analítico desta monografia.

Sobre a concepção de identidade discutiremos, a seguir, no Capítulo III – A identidade em foco.

CAPÍTULO III

A IDENTIDADE EM FOCO

O capítulo a ser apresentado abordará a temática a ser refletida no que concerne a identidade, perpassando pela questão do sujeito ideológico de Bakhtin. O fechamento do presente capítulo está relacionando ao conceito de identidade enquanto construção de sentidos.

3.1 Sujeito ideológico

Os enunciados presentes nas várias comunidades discursivas mostram uma posição ideológica, isto é, o modo como os sujeitos veem o que está sendo posto na sociedade. Sendo assim, a linguagem, seja ela verbal ou não-verbal, é uma prática social e interativa que fornece o alicerce para a construção dos discursos. Discursos estes considerados como o processo social e histórico de produção da linguagem. O discurso é uma instância de relação social entre os indivíduos e por ser coletivo provoca variados efeitos de sentidos produzidos pelos interlocutores nas diferentes posições que ocupam na sociedade.

Quando se trata de dialogismo e interação, necessariamente falamos dos sujeitos, os quais são partes do processo de construção de sentidos. Como expõe Sobral (2009), o Círculo de Bakhtin, ao tratar do social, também discute sobre o sujeito que possui sua individualidade, mas que estabelece relações com outros sujeitos que o constituem e são constituídos por ele. Dessa maneira, o sujeito é pensado na interação constitutiva da sociedade: precisa da sociedade para existir e constitui, em suas relações com outros sujeitos, essa mesma sociedade.

A concepção do sujeito colocada não pretende uniformizar os sujeitos da sociedade, pois assim como afirma Sobral (2009, p. 48), “o sujeito se divide em múltiplos papéis, nos termos de suas relações sociais, e a sociedade se divide em múltiplos grupos e segmentos, nos termos das relações entre esses grupos e segmentos”.

Quando o sujeito se engaja no discurso reconstrói sua identidade. Ele está ao mesmo tempo considerando o discurso do outro, visto que o sujeito ocupa na sociedade múltiplas identidades, pois está sempre em contato com diferentes interlocutores. Então, a identidade do sujeito é compreendida como uma construção socialmente organizada por meio dos discursos.

Nas palavras de Sobral (2009, p. 56), “ele não age sozinho, mas não deixa de ser ele mesmo, nas várias ‘posições-sujeito’, nos diferentes papéis que assume diante de diferentes

interlocutores”. Isso significa dizer que o sujeito do discurso ocupa um lugar social de onde enuncia, e é este lugar que determina o que ele pode ou não dizer a partir dali. Esse sujeito, ao ocupar o interior de uma formação social, é dominado por uma determinada formação ideológica que estabelece previamente as possibilidades de sentidos de seu discurso.

Isso posto, segundo Sobral (2009), o sujeito apresenta três importantes características: 1) é dotado de uma constituição psíquica em que esclarece sua identidade relativamente fixada. É aquilo que ele identifica como seu “eu”. Se a consciência do sujeito se apresenta com certa continuidade, ela está a todo o momento se modificando, a partir das relações com outros sujeitos; 2) possui sua intersubjetividade, que na sua condição de sujeito, de sua subjetividade, traz as marcas dos aspectos sociais e históricos da sua relação com a sociedade. Esses aspectos integram gradativamente a sua identidade a partir do reconhecimento do seu ser pelo outro e 3) é aquele que age sempre (aqui inclui todos os seus atos: cognitivos, verbais etc.) assumindo uma responsabilidade pelo que faz, a partir tanto de sua identidade como das relações sociais que lhe são impostas e que vão alterando sua identidade.

A concepção de sujeito, para o Círculo, é a de que ele assume um caráter de “responsabilidade” e de “participatividade” ou de “responsividade” que designa um aspecto responsivo do agente pelo seu ato. Este envolve o conteúdo, a avaliação responsável do agente pelo seu próprio ato e o caráter responsivo a outros sujeitos que estão envolvidos neste ato. Nessa perspectiva, Sobral (2009) afirma que, segundo o Círculo, o sujeito é essencialmente um agente responsável pelo que faz, agente que, em suas relações sociais e históricas com outros sujeitos igualmente responsáveis (inclusive apesar de si mesmos), constitui a própria sociedade sem a qual ele mesmo não existe.

É importante ressaltar que a realidade do sujeito se apresenta como um mundo de vozes sociais em diversas relações dialógicas: “relação de aceitação e recusa, de convergência e divergência, de harmonia e de conflitos, de intersecções e hibridizações” (FARACO, 2003, p. 80). É nesse contexto que o sujeito vai se “formando” discursivamente, pois vai apreendendo as vozes sociais, bem como suas interrelações dialógicas. “É nesse sentido que Bakhtin várias vezes diz, figurativamente, que não tomamos nossas palavras do dicionário, mas dos lábios dos outros” (FARACO, 2003, p. 81). Essas múltiplas vozes que perpassam o discurso do sujeito é o que se denomina de polifonia, caracterizada como

a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro ‘eu para si’ infinito e inacabável. (BEZERRA, 2012, p. 194)

O sujeito é, então, um agente mediador entre os sentidos socialmente possíveis e os discursos produzidos em situações concretas. Assim, unem-se o individual e o social, pois o sujeito tem que fazer com que seja entendido pelo outro, mas, para isso, esse sujeito tem que considerar este outro, porque depende do outro para ser reconhecido, ou seja, para se constituir socialmente.

O sujeito apreende não apenas uma só voz, mas inúmeras vozes sociais. No seu processo de construção socioideológico, essas múltiplas vozes funcionam de diversas maneiras. Enquanto umas apresentam autoridade, há outras que assumem um papel de vozes persuasivas. Em relação à palavra de autoridade, esta é classificada como “aquela que nos interpela, nos cobra reconhecimento e adesão incondicional” (FARACO, 2003, p. 81). Trata-se de uma palavra que é assimilada como uma massa compacta e que, por isso, é centrípeta, que resiste a outras vozes.

Já a palavra persuasiva é compreendida como as outras vozes que são assimiladas por sentidos persuasivos. É a que se apresenta como uma entre outras e que, por isso, é centrífuga, permeável à absorção de outras vozes, abre-se constantemente à mudança. Deste modo, os discursos não são fixos, já que somos influenciados pelo ambiente social ao qual pertencemos, assim sendo, os discursos estão sempre em constantes mudanças.

Essas duas formas de compreender a palavra são fatores determinantes para a história da consciência ideológica individual, pois “quanto mais as vozes forem funcionalmente de autoridade para o sujeito, mais monológica (ptolomaica) será sua consciência; quanto mais internamente persuasivas as vozes, mais galileana será sua consciência” (FARACO, 2003, p. 81).

É nesse sentido que a nossa consciência é em essência sociossemiótica, pois é formada de discursos sociais e, sendo assim, composta de signos. Então, a nossa consciência interior decorre dessa dialogização heterogênea. Isso nada mais é do que interação socioideológica, são as relações dialógicas, do “plurilinguismo dialogizado”.

Posto isso, o enunciado é concebido como uma realidade extremamente complexa e dinâmica. Concluímos, assim, que ao realizamos a análise do discurso é fundamental que consideremos o sujeito falando, já que o discurso está diretamente ligado à vida social e não pode ser analisado de forma isolada, isso porque a língua encontra-se em funcionamento real num determinado contexto. É importante considerar, também, a produção de sentidos como elemento integrante desse processo, pois um mesmo discurso pode possuir diferentes

sentidos, dependendo do lugar em que é produzido, da ideologia do sujeito, bem como das condições de produção.

Nessa perspectiva de sentido, podemos dizer, também, que os nossos discursos são sempre discursos já citados, embora, muitas vezes, não percebamos. Isto porque são inúmeras vozes que circulam e que são incorporadas e ativadas em nós que não percebemos sua alteridade. Além disso, há aqueles enunciados que estão na nossa memória discursiva configurados como discursos de outrem e, desta forma, apresentam duas vozes (bivocalizadas) em nosso enunciado, pois expressam ao mesmo tempo tanto a palavra do outro, como o modo como a tomamos: “elas são citadas direta ou indiretamente, são aceitas incondicionalmente ou são ironizadas, parodiadas, polemizadas aberta ou veladamente, estilizadas, hibridizadas” (FARACO, 2003, p. 82).

Os deslocamentos ou repetições que encontramos nos enunciados não constroem os mesmos efeitos de sentido, ou seja, os enunciados “remetem ao mesmo fato, mas não constroem a mesma significação”, são, portanto, paródias ou “paráfrases que aludem ao mesmo fato, mas que não têm a mesma significação” (GREGOLIN, 2006, p. 27). Essa constatação nos revela duas noções importantes: a) o sentido está ligado à situação, isto é, ao momento da enunciação e b) o signo é ideológico e carrega duas (ou mais) facetas distintas, ou seja, o signo ideológico é arena de lutas.

3.2 Entendo o conceito de identidade

O homem no decorrer de sua existência procura estar no mundo de maneira segura, ao mesmo tempo em que busca se adaptar às suas contínuas transformações societárias. Isto se torna possível pelo fato de que o homem constrói sua experiência a partir de referências do mundo simbólico — ambiente físico e social — e de si mesmo — crenças, conceitos e ideias (FERREIRA, 2004a). Este mecanismo leva o indivíduo a se reconhecer, a reconhecer o outro e a preparar suas ações contextualizadas ao tempo/espaço em que vivem, prezando pela sua segurança em âmbito coletivo e individual.

Este sujeito, bem como seus comportamentos, institui-se e se desenvolve em grupos, nas relações interpessoais estabelecidas entre si e com o meio onde vive. Essa troca leva a produzir discursos e práticas diferenciadas em seu mundo social, favorecendo, assim, a construção de sua identidade cultural.

Ferreira (2004a, p. 47) “considera a identidade como uma referência em torno da qual o indivíduo se autorreconhece e se constitui, estando em constante transformação e construída

a partir de sua relação com o outro”. Desse modo, a linguagem revela-se como um sistema de importante comunicação ideológica da vida cotidiana, expressa por diversos signos. Estes signos, enquanto objetos ideológicos, refletem e refratam uma realidade material e social, representados pela palavra, pelos comportamentos, pela composição musical, pelo ritual religioso entre outros.

No entanto, enquanto signo, a palavra encontra-se presente na conversação e em várias formas discursivas produzidas. Seja na fala, na escrita ou em outras formas de materialização, ela torna-se o material de apoio para a compreensão e interpretação das várias formas de linguagem, estabelecendo-se como importante objeto de análise na construção da identidade cultural (BAKHTIN, 2010).

A teoria bakhtiniana compreende que a consciência individual do sujeito constrói-se por meio do diálogo social, esta se encontra impregnada de discurso ideológico. As modificações ocorridas na infraestrutura — realidade socioeconômica — transformam as superestruturas e suas ideologias. Estas, por seu turno, alteram as identidades sociais.

A identidade na visão bakhtiniana e dos outros autores resulta de atos de linguagem produzidos nas relações socioculturais, dos diversos grupos ao qual o indivíduo se insere ou faz parte. As identidades sociais, neste contexto, não podem ser entendidas fora dos sistemas de configuração compostos por parâmetros discursivos e simbólicos, pois são eles que lhes conferem sentido. A linguagem passa a ser entendida como estrutura instável de significações, um sistema formado por diferenças.

Segundo Soerensen (2009), no processo de construção da linguagem estão presentes três princípios:

a) Diálogo com o outro: relaciona-se à ideia e sujeito social, histórica e ideologicamente situado, que se constitui na interação com o outro. b) A unidade das diferenças: noção de que a linguagem é heterogênea e, por isso, marcada pela presença do outro. Nesse caso, esta heterogeneidade é marcada de forma sutil pelo locutor, que fará com que o texto adquira uma determinada unidade, seja pela harmonia das vozes (polifonia) ou pelo apagamento das vozes discordantes (monofonia). c) Discursividade – simples e complexa: essa terceira questão refere-se aos gêneros do discurso e é consequência das duas primeiras, pois sua definição pressupõe também uma concepção de linguagem assentada no princípio da interação social. (SOERENSEN, 2009, p. 05)

Ao produzir uma sociologia do discurso, Bakhtin (2010) volta sua atenção para o discurso verbal que nunca se produz fora de um fluxo de interação social. Os enunciados são pronunciados, buscando na história, na vida, na cultura, no contexto e nos saberes partilhados entre os participantes, suas construções identitárias. As construções identitárias são situadas

sócio-historicamente, nascem das relações dos sujeitos e de sentidos e seus efeitos múltiplos que se efetivam nos encontros estabelecidos em contextos únicos, de situações precisas influenciadoras de práticas discursivas que estão em constantemente transformação.

Nesta perspectiva, entende-se que “a identidade do sujeito se processa por meio da linguagem, na relação com a alteridade” (BRAIT, 2006, p. 123). Esta última, mediante a interação dialógica, assume importância central na formação da consciência. Neste processo, entende-se o diálogo como um lugar de conflito entre ideologias, visões de mundo e conhecimentos. Este diálogo mediado pelo conflito passa a ser percebido discursivamente como uma forma de reflexão dos atores sociais sobre suas próprias ações. E o discurso é o meio pelo qual o sujeito interage com o outro, avalia a si mesmo e avalia os demais, precipita a pensar de que maneira o outro pensa dele, provocando um processo ininterrupto de construção e reconstrução de identidades.

Bauman (2001) afirma que a “liquidez” da modernidade gera uma mudança dos significados das instituições e fluidez das identidades. Segundo o autor, a diversidade cultural faz com que os indivíduos se deparem com múltiplas identidades, que são negociadas, construídas e desconstruídas no transcorrer da vida.

Bauman (2001) define identidade como autodeterminação, ou seja, o eu postulado. Para ele, as identidades comumente referem-se às comunidades como sendo as entidades que as definem. Existem dois tipos de comunidades: as de vida e destino, nas quais os membros vivem juntos em uma ligação absoluta, e as comunidades de ideias, formadas por uma variedade de princípios. A questão da identidade só se põe nas comunidades do segundo tipo, onde há a presença de diferentes ideias e, por isso, também a crença na necessidade de escolhas contínuas.

Identidade se revela como invenção e não descoberta; é um esforço, um objetivo, uma construção. É algo inconcluso – assim como a vida verbal! –, precário, e essa verdade sobre a identidade está cada vez mais nítida, pois os mecanismos que a ocultavam perderam o interesse em fazê-lo, visto que, atualmente, interessa construir identidades individuais e não coletivas. Este fato, contudo, é recente. O pensar sobre se ter uma identidade não ocorre enquanto se acredita em um pertencimento, mas quando se pensa em uma atividade a ser continuamente realizada. Essa ideia surge da crise do pertencimento (BAUMAN, 2001).

Na modernidade líquida, há uma infinidade de identidades à escolha, e outras ainda para serem inventadas (BAUMAN, 2001). Com isso, só se pode falar em construção identitária enquanto experimentação infindável.

A identidade é tratada num contexto sociocultural, privilegiando as dimensões pessoal e social dos sujeitos. A dimensão pessoal coabita na dimensão social, pois parte-se do princípio de que todo ser, além de fazer parte de um grupo social, convive com vários outros. Dessa forma, constrói sua identidade através dos vários grupos que convive ou faz parte, como a família, os amigos, a escola, desempenhando papéis diversificados. Nesse intercâmbio relacional, esse sujeito toma consciência de sua unicidade.

Hall (2000b), ao analisar como as identidades são construídas, aponta que elas são formadas via comparação com outras identidades, ou relacionadas às diferenças. A construção pelas diferenças aparece sob a forma de pólos opostos. O autor considera esses pólos como oposições binárias que são significantes para a produção do significado. A análise continua na questão da diferença, salientando a sua produção por meio dessas oposições que são consideradas fundamentais para se compreender o processo de construção cultural das identidades. A construção da identidade, para Woodward (2000, p. 10), “é tanto simbólica quanto social”. A afirmação das identidades sofre consequências causadas pelo conflito, turbulência, desgraça social e econômica entre os grupos.

Para a autora supracitada, a identidade está intimamente ligada à subjetividade que, por sua vez, sugere a compreensão sobre o nosso eu. Nesse sentido, a subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade (WOODWARD, 2000, p. 55).

A produção da identidade e o investimento pessoal estão envolvidos com a subjetividade que permite uma exploração dos sentimentos por estarem presentes nesse processo de produção. A subjetividade nos permite explicar as razões pelas quais nós nos apegamos às identidades particulares.

Ainda sobre o conceito de identidade, o interesse de Bakhtin pelas identidades sociais resultou das mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, em seus diversos setores, dentre eles: na ciência, nos padrões éticos/morais, na política e no sistema econômico e demais, que refletiram nas formas interativas de sociabilidade entre os mais variados grupos sociais. O grande contingente de informações disponibilizou variadas formas de perceber e viver a experiência humana, ao mesmo tempo que promoveu a reflexão e uma redefinição das relações e identidades sociais construídas em um tempo, espaço e contexto específico de atuação. Pela visão bakhtiniana, o homem é um conjunto de relações sociais definidas pelo entrelaçamento do sujeito e do objeto, sintetizadas dialeticamente na cultura e na história.

Pautado nesta concepção de linguagem, Bakhtin constrói sua teoria dialógica, entendida enquanto elemento que instaura a natureza interdiscursiva da linguagem, promovendo um diálogo permanente entre os diversos discursos que configuram uma sociedade, uma cultura e uma comunidade, e como fator representativo das relações discursivas estabelecidas entre o eu e o outro, aquele com quem o sujeito interage diretamente no processo de interlocução, em contextos historicamente situados (FREITAS *apud* PINHEIRO, 1997). É, portanto, nas relações sociais que construímos saberes e internalizamos o discurso do outro que é marcado não só pelo dialogismo, como também pela polifonia, onde o discurso mesmo proferido por um sujeito é perpassado por outras vozes e visões de mundo, produzindo assim seu significado (SOERENSEN, 2009).

Ao passo que estamos internalizando constantemente os enunciados dos outros, por meio da enunciação, “compreendida como réplica do diálogo social, unidade de base da língua, discurso interior ou exterior” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1926, p. 17), a linguagem passa a apresenta-se com caráter heteroglóssico onde é encontrada uma multiplicidade de pontos de vista, vozes que não conhecem privilégios ou hierarquias. Nenhuma fala pode ser de atribuição exclusiva de quem a enunciou, esta é produto da interação dos falantes, imersa em uma situação social específica. O outro não é um interlocutor pacífico que se sintetiza apenas em compreender o locutor: este é responsivo e se materializa por respostas externas ou internas, pautadas em seus critérios éticos, cognitivos, religiosos, políticos, dentre outros. A linguagem ao ser concebida enquanto de natureza dialógica revela sua complexa relação entre história e embates ideológicos na constituição do ser humano.

Assim sendo, discursos e identidades formam uma ação conjunta, pois ao mesmo tempo em que interagimos no mundo através da linguagem, construímos o mundo e a nós mesmos em um processo contínuo e dinâmico, o que justifica os objetivos e todo o desenvolvimento deste estudo.

Validando os conceitos expostos, Moita Lopes e Fabrício (2004) afirmam que

o socioconstrucionismo aponta para o nosso contínuo envolvimento no processo de autoconstrução e na construção dos outros, o que quer dizer que, nas práticas discursivas em que estamos situados, ao tornarmos o significado compreensível (ou não) para o outro, construímos a outridade ao mesmo tempo em que ela nos constrói. (MOITA LOPES; FABRÍCIO 2004, p. 07)

Segundo Moita Lopes e Fabrício (2004), não existe princípio da identidade desvinculado de uma prática coletiva e de contexto social que lhe dê sentido e articule consequências convencionalizadas. Dessa forma, os autores advogam haver um vínculo

indissociável entre identidade, linguagem, sociedade, contexto, comportamento e atividades humanas. Complementando tal ideia, Giddens (1991) esclarece que a pessoa tem identidades múltiplas e as “veste” de acordo com o papel que exerce em um determinado momento.

De acordo com Moita Lopes (2002), o discurso é entendido como práticas sociais nas quais nos engajamos em contextos históricos, culturais e institucionais específicos, a fim de agirmos no mundo de acordo com nossos valores, crenças, interesses, posições e relações sociais. Além disso, é justamente na interação com o outro que construímos, a todo o momento, o mundo a nossa volta, o outro e nós mesmos – tal pensamento converge para o conceito de identidade apresentado por Bauman (2001) e por Hall (2000a; 2000b).

Assim, considerando que a maneira como o sujeito social é reconhecido pode mudar a cada interação e no curso de várias interações, pode-se dizer que: as identidades sociais são fluidas e estão em constante processo através da linguagem; fragmentadas e contraditórias, conforme o posicionamento do indivíduo nas interações discursivas (MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2004).

Para Moita Lopes (2002), nossas identidades são constituídas historicamente, incorporando o passado e o futuro na negociação do presente, permitindo-nos selecionar o que contribui e o que permanece marginal nesse processo de construção identitária. Dessa maneira, cada comunidade torna-se um campo de possíveis trajetórias, de possíveis passados e possíveis futuros em que os participantes podem se engajar; e a constituição das identidades define-se por uma construção social, uma experiência de pertencimento múltiplo, que ocorre por meio da interrelação entre aspectos sócio-históricos mais amplos e entre as especificidades que caracterizam uma determinada comunidade.

Concluindo, a identidade do sujeito não é unificada, segura ou completa e é definida a partir do discurso, tanto do sujeito, como do outro; portanto, está “sempre se (re)construindo no processo social de construção do significado” (MOITA LOPES, 2002, p. 61). Assim, se a construção da identidade implica negociação de significado e de experiências com os participantes de uma comunidade social, cultural e histórica, então, só é possível falar de identidade considerando o sujeito, a língua e o coletivo.

Tendo como referência as discussões teóricas apontadas nos capítulos II e III e com a finalidade de analisarmos os dados da pesquisa, situamos a discussão realizada no Capítulo IV – Um olhar analítico sobre as questões metodológicas e analíticas da pesquisa.

CAPÍTULO IV

UM OLHAR SOBRE AS QUESTÕES METODOLÓGICAS E ANALÍTICAS DA PESQUISA

No presente capítulo, abordaremos os aspectos teórico-metodológicos desse estudo. Ele está dividido em três tópicos, a saber: área de inserção da pesquisa; natureza e tipo de pesquisa e o contexto da pesquisa. Ainda, apresentaremos a análise da pesquisa que está dividida em três subitens: Copa do Mundo, Corrida Presidencial e Escândalo da Petrobrás.

4.1 Área de inserção da pesquisa

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa em Análise Dialógica do Discurso (doravante, ADD), especificamente sobre leituras dialógicas de charges, uma vez que procura analisar os discursos proferidos no gênero discursivo charge, especificamente sobre a Presidente Dilma Rousseff.

Segundo Lakatos (2001, p. 83), a metodologia é o item considerado como o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que com maior segurança e economia permite alcançar o objetivo, ou seja, os conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e avaliando as decisões do cientista.

Como sabemos, podemos dizer que a metodologia se resume as etapas a seguir de um determinado processo, e exatamente é o que relataremos nas próximas linhas deste capítulo, buscando de forma minuciosa retratar, em forma de diálogo, os procedimentos implicados, uma vez que

o diálogo é o encontro entre os homens mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens os transformam, o diálogo impõem-se como caminho pela qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial. E já que o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar ideias em outros. Não pode converter-se num simples intercâmbio de ideias... não é também uma discussão hostil, polêmica entre os homens que não estão comprometidos nem ao chamar ao mundo pelo seu nome, nem a procura da verdade, mas a imposição de sua própria verdade. (FREIRE, 2000, p. 92)

Como diz a citação acima descrita, podemos perceber que qualquer forma de interação entre os homens é uma maneira de buscar seus objetivos como seres transformadores da

realidade, pois o diálogo nada mais é uma forma de mostrar a capacidade de humanização entre as partes, visto que tanto o locutor como o interlocutor desempenham, cada um, uma função de mediadores do próprio conhecimento de mundo.

A cada instante buscamos maneiras de elucidarmos os segredos do conhecimento e aperfeiçoá-lo. Dessa forma, é que através de etapas de desenvolvimento buscamos alcançar objetivos propostos. Podemos ressaltar que a pesquisa está diretamente ligada ao pesquisador, ao objeto de análise e aos sujeitos envolvidos.

4.2 Natureza e tipo de pesquisa

Nossa pesquisa caracteriza-se como explicativa que, segundo Rodrigues (2006),

é uma pesquisa mais complexa, pois busca o conhecimento mais profundo sobre o fenômeno estudado e seus resultados fundamentam o conhecimento científico. Seu principal objetivo é identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos, procurando explicar a razão, o porquê das coisas, as causas. (RODRIGUES, 2006, p. 90)

Quanto à abordagem, a pesquisa tem caráter qualitativo, isto é, “não emprega procedimentos estatísticos ou não tem, como objetivo principal, abordar o problema a partir desses procedimentos” (RODRIGUES, 2006, p. 90). Em outras palavras, nosso objeto de estudo se refere a um fenômeno da ADD e que objetivamos descrever e interpretar as charges políticas, cujo foco é Dilma Rousseff, para investigar quais as relações dialógicas constituídas nas charges políticas que têm a identidade da Presidente Dilma, a partir do método indutivo que se caracteriza pela “análise de dados para chegar a uma teoria ou aos princípios que parecem reger a organização desses dados⁸” (ROTH; HENDGES, 2010, p. 113).

Sobre esse tipo de abordagem, Chizzotti (2003) afirma que

o termo qualitativo implica uma partilha densa com as pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa. (CHIZZOTTI, 2003, p. 221)

⁸ Eis um princípio comum ao fazer científico. No entanto, em ADD não se procura testar teorias, mas problematizá-las, convocando, para isso, sentidos situados na natureza dialógica da língua enquanto fenômeno histórico e social.

Isso quer dizer que seguimos uma orientação que objetiva entender a situação em análise e não recolhemos dados fixos, mas flexíveis e variáveis, em função dos contextos específicos comprobatórios para uma afirmação prévia, sendo, deste modo, de natureza social e não tende à quantificação.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, Tozoni-Reis (2010, p. 05) reforça a citação anterior, ao afirmar que “a pesquisa qualitativa defende a ideia de que, na produção de conhecimentos sobre os fenômenos humanos e sociais, nos interessa mais compreender e interpretar seus conteúdos do que descrevê-los, explicá-los”.

Em virtude do objeto desta pesquisa, também a caracterizamos como descritivo-explicativa porque o nosso objeto de estudo se refere a um fenômeno complexo de uso linguageiro e que objetivamos descrever e explicar – a produção de sentidos em charges políticas.

Para explicar esse procedimento metodológico, Rodrigues (2006, p. 90) considera que a pesquisa descritiva

é realizada para descrever fenômenos ou estabelecer relações entre variáveis. O pesquisador, nesse caso, procura observar, registrar, analisar e interpretar os fenômenos por meio de técnicas padronizadas de coleta de dados, como questionário e a observação sistemática. [...] Na pesquisa descritiva, o pesquisador estuda a relação entre as variáveis de um determinado fenômeno sem as manipular; ou seja, constata e avalia as relações à medida que as variáveis se manifestam espontaneamente. (RODRIGUES, 2006, p. 90)

Portanto, a pesquisa descritiva busca descrever as características de determinadas populações ou fenômenos. O olhar para o social é uma de suas características e é por esse motivo que nos filiamos, neste trabalho, a este tipo de pesquisa científica.

4.3 O contexto da pesquisa e critérios de análise dos dados

Do ponto de vista temporal, a constituição do *corpus* se deu de setembro a novembro de 2014 com a seleção de 08 charges políticas colhidas na internet, hospedadas no *Google Imagens*. Analisamos as charges a partir da análise do discurso baseada na concepção de enunciado concreto difundida pela ADD, considerando os seus contextos de produção, circulação e recepção⁹.

⁹ Neste trabalho não utilizamos como *corpus* a recepção, uma vez que não analisamos, por exemplo, no contexto do uso da linguagem a partir da internet, os comentários de internautas sobre as charges postadas no *Google Imagens*.

O critério de seleção deste espaço cronológico se deveu ao fato de entendermos como um intervalo de tempo propício em que se estabelece, discursivamente, a cobertura jornalística a respeito do fato social que mobiliza esta pesquisa: a construção de charges políticas em função das Eleições 2014 à Presidência da República, especificamente a figura da presidente Dilma Rousseff. O *corpus* da pesquisa foi composto a partir de uma pesquisa exploratória, ou seja, houve uma coleta para definição e origem das charges, bem como seu critério de seleção e, conseqüentemente, uma seleção desses dados para análise.

A abordagem teórica metodológica utilizada na pesquisa foi dialógica, comparando os textos no tempo e nas respostas que uns dão aos outros e apresentando como os enunciados se concretizam, ocupam o lugar na interação social e suscitam respostas, uma vez que os textos não podem ser analisados sem considerar que são enunciados respostas – como já mencionado na página 13 desta monografia.

Destacamos, ainda, que a organização do estudo teve três movimentos em sua análise: uma primeira etapa em que selecionamos charges políticas, no site *Google Imagens*, que tematizaram a presidente Dilma; após a etapa de seleção, analisamos dialogicamente discursos políticos (vozes) contidos nas charges – o que faz esta pesquisa aderir a um trabalho de análise discursiva – e por fim, ponderamos as diferentes formas de representação da presidente Dilma nos pontos de vista dos sujeitos enunciadore das charges.

Ou seja, para atingirmos esses objetivos, selecionamos 08 charges que disponibilizaram de discursos políticos, especificamente sobre Dilma Rousseff, e, em seguida, analisamos as charges em função da ADD, bem como destacando as formas de representação da presidente em estudo.

Apresentaremos no próximo capítulo uma discussão teórica sobre a ADD, abordando alguns de seus conceitos mobilizados.

No item a seguir, apresentaremos os dados da análise que realizamos com as charges selecionadas para o *corpus* da pesquisa.

4.4 Dilma Rousseff em charges: análise dialógica do verbo-visual

Nosso olhar, nesta monografia, se volta para *charges* que tematizam a identidade da presidente Dilma Rousseff em função de três fatos sociais ocorridos em 2014, a saber: Copa do Mundo, Eleições e Escândalo da Petrobrás. Como critério metodológico, além da associação temática, tivemos como recorrência a figura da presidente Dilma nas charges

selecionadas. As charges foram agrupadas de maneira que pudéssemos discutir a respeito de cada uma em função dos fatos sociais que mobilizaram a produção de tais charges.

4.4.1 Copa do Mundo

Analisando as diversas vozes sociais que tratam da política brasileira, percebemos que em muitas a política em nosso país é caracterizada por demonstrar uma falta de seriedade, um descaso com as questões mais essenciais como saúde, educação e segurança. Cabe ressaltar, do mesmo modo, que entre os inúmeros adjetivos negativos está o de corrupta.

A Copa do Mundo, a Corrida Presidencial e, principalmente, o Escândalo da Petrobrás faz reverberar inúmeros discursos que vinculam a política à subversão das normas e ao famoso “jeitinho brasileiro”, circulando nas vozes sociais a ideia de ser comum a política brasileira estar vinculada a casos de corrupção. Assim, em relação tensa com essas vozes circundam ainda os já-ditos a respeito das variadas formas que os políticos envolvidos encontram para desvirtuar o povo e continuar realizando suas práticas ilícitas.

Conforme vimos no item 4.2 deste capítulo – O gênero discursivo charge –, cada gênero possui função definida, sendo utilizado em diferentes campos discursivos, isto é, usado “em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo. Uma determinada função e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados tipos de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 266). Assim, percebe-se, em gêneros como a charge, características que agregam dois discursos simultaneamente: o político e o humorístico. As representações postadas nas charges trazem consigo uma gama de informações, pois, a partir das ilustrações, o leitor infere, logo de imediato, qual o assunto abordado pela charge.

Vejamos a Figura 01.

FIGURA 01 – Copa do Mundo I



FONTE: <http://www.jornaldebrasil.com.br/noticias/politica-e-poder/528658/eleicoes-e-copa-do-mundo-sao-tema-da-charge-do-dia/>. Acesso em 24/09/2014.

Nef é o chargista que publicou a Figura 01 no *Jornal de Brasília*, um produto jornalístico ainda bastante acessado pela população, o que demonstra a qual público-alvo o autor pretende alcançar: público este que encontra nos jornais o fácil acesso para atualizarem-se a respeito dos fatos cotidianos e são através das charges que a sociedade encontra uma forma simples e prática de entender claramente as críticas políticas. O chargista utilizou uma linguagem simples e objetivou o levantamento de reflexões críticas, através do humor, em dois momentos importantes para o Brasil: A Copa do Mundo e, posteriormente, as eleições de 2014.

O chargista, por meio de um texto bastante estimulante, na Figura 01, deixa entrever o diálogo com essas valorações sociais, utilizando elementos que enquadram o político brasileiro nesse contexto “comum” de ser enganado pela corrupção. Trata-se de uma crítica, que articula muito bem entre a linguagem verbal e não-verbal, uma vez que o gênero discursivo charge articula muito bem as duas linguagens citadas, sendo, portanto, o sentido construído nas oscilações entre o dito e o não-dito. No elemento verbal, conhecemos os protagonistas, o brasileiro e a presidente Dilma, com pensamentos divergentes – ele, pensando na Copa, e ela, na reeleição. Mas é apenas na relação do verbal com o contexto extraverbal que esses elementos ganham sentidos.

A charge foi publicada no mês de Fevereiro de 2014, ou seja, quatro meses antes do primeiro evento ser realizado (Copa do Mundo), com base em informações que estavam

sendo publicadas no Jornal, na divulgação do evento. Percebemos na relação dialógica a ilusão do brasileiro quanto à luta incessante da presidente Dilma para a realização do evento mundial no Brasil, bem como ironizou através dos personagens e seus aspectos, uma vez que o brasileiro encontra-se feliz por seu país sediar o evento de grande porte e, para além desse momento, o do brasileiro ganhar a Copa, sem levar em consideração as consequências, enquanto a figura de Dilma transparece conforto, apostando que enquanto os brasileiros pensam na Copa do Mundo, ela está preparando sua reeleição.

Portanto, a charge apresenta uma espécie de combinação entre o humor e a ironia, que juntos dão sentidos ao enunciado, como ressalta Nascimento (2010):

o humor e a ironia nesse gênero veiculam de maneira implícita ou sob viés da polifonia, ou seja, através de informações sugeridas ou de manipulações diferentes pontos de vista que geralmente se contradizem e são, por sua vez, ironizadas no interior do texto. (NASCIMENTO, 2010, p. 74)

A ironia presente na Figura 01 encontra-se no momento em que a presidente premia os brasileiros com o evento da Copa do Mundo ser sediado no país, visando à reeleição nas eleições de 2014. E o humor está presente na ilusão do brasileiro, em função da empolgação pelo evento, bem como de possivelmente alcançar o prêmio com a taça de campeão da Copa do Mundo 2014.

A leitura crítica da charge sugere a possíveis leitores da mesma um alerta e concorda para os pensamentos dos protagonistas, pois ambos compartilham desse espaço e desse tipo de situação. Segundo Bakhtin/Volochínov (2009), falantes de um mesmo grupo social, ou que pertencem ao mesmo período de tempo, através de condições reais de vida, geram uma comunidade de julgamento de valor, a exemplo dos xingamentos proferidos a presidente Dilma Rousseff na abertura da Copa do Mundo e os protestos realizados em São Paulo contra as atitudes corruptas da presidente, em função de críticas a respeito da realização da Copa do Mundo no Brasil. Assim, a situação extraverbal torna-se parte constitutiva da estrutura e da sua significação (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 05).

Percebemos nessa charge a entonação de concordância com as vozes que vinculam o futebol a uma grande importância social, do ponto de vista do brasileiro. Assim, entendemos que a fim de enfatizar a atenção do povo aos escândalos do atual governo, a mídia (representada pela figura do jornal) traz a figura da presidente Dilma e seus interesses políticos como principal pauta de assuntos a serem noticiados.

Ainda, a figura da presidente Dilma encontra-se com aspecto sorridente e despojada em uma poltrona, o que demonstra tranquilidade em relação aos seus objetivos com a Copa do

Mundo, que foi sediada no Brasil, isto é, a Copa do Mundo representou para a presidente apenas um passo para a sua reeleição, bem como um possível argumento contra as cobranças do povo brasileiro, desconsiderando os momentos precários pelos quais o país passa. Já o brasileiro, embora com o mesmo aspecto de felicidade e de tranquilidade que Dilma, encontra-se com o pensamento voltado para o grande momento que ocorreu no Brasil (Copa do Mundo 2014), visando apenas demonstrar a sua satisfação e seu orgulho de ser brasileiro em um evento mundial.

Não há falas nessa charge, há pensamentos, mas a relação entre a parte dita e a não dita fornece as pistas necessárias para o interlocutor construir os sentidos de que é importante elucidar sobre a eleição/corrupção que acontece no país. Em outras palavras, o chargista expõe, através da ironia e do humor, os reais feitos que a presidente apresenta ao povo quando da realização da Copa no Brasil como obras superfaturadas e atraso nas entregas dos aeroportos e dos estádios em construção/reforma, bem como a certeza da impunidade.

No diálogo da charge encontramos construções de sentidos que levam a necessidade de criticarmos a presença da Copa do Mundo no Brasil como uma função, unicamente, eleitoreira, revelando seu eco de comunicação, como forma de apresentar uma visão crítica dos acontecimentos vigentes, mostrando em seus enunciados certas posições ideológicas.

A seguir, apresentamos a Figura 2 em que o chargista projeta em seu discurso as vozes que representam o atual governo, pautado na corrupção e na acentuação de programas sociais que visam, ironicamente falando, a “compra” do povo brasileiro em relação à presidente.

FIGURA 02 – Copa do Mundo II



FONTE: <https://amarildocharge.wordpress.com/page/35/?archives-list&archives-type=tags>.

Acesso em 26/09/2014.

A abertura da Copa do Mundo no Brasil, em 12 de junho de 2014, foi marcada pela manifestação por parte de alguns torcedores. A manifestação se deu em relação à presença da

enunciativa se torna, de fato, enunciado concreto por, dialogicamente, situar compreensões que vão ao encontro de processos de constrangimento social para com a presidente.

Porém, vale destacar que, percebemos que as pessoas presentes naquele estádio de futebol diz respeito, no tocante a classe econômica, a “elite branca”, conforme explicitado na nota 9, uma vez que quem esteve presente na abertura da Copa do Mundo é quem pode comprar um ingresso que não custou um valor de qualquer jogo realizado cotidianamente. E afirma a ideia de que a classe subalterna do Brasil não estava presente nesse momento, ou seja, aquela significativa parcela da população que recebe o auxílio e, por isso, é defensora da presidente Dilma.

Demonstra, ainda, a falta de compromisso para com o programa criado em seu governo, uma vez que o mesmo é vislumbrado apenas como manobra de (re)eleições. A entoação, nessa perspectiva, “estabelece um elo firme entre o discurso verbal e o contexto extraverbal” (VOLOSHINOV, 1976, p. 06).

Assim, a função dos programas, explicitada na Figura 02, parece ser a de enganar a população, isto é, doando poucos centavos com o intuito de comprá-la, visando fins eleitoreiros. O próprio discurso da charge, dialogicamente, traz esse sentido negativo dos programas sociais, visto que para a presidente Dilma as pessoas que são beneficiadas pelo programa “Bolsa Família” não são aptas para criticar e, conseqüentemente, irão se submeter ao governo.

Bezerra (2012, p. 196) ainda apresenta que “é pelo diálogo que as personagens se comunicam entre si, com o outro, se abrem para ele, revelam suas personalidades, suas opiniões e ideais, mostram-se sujeitos de sua visão de mundo”. Essa assertiva corresponde ao que foi descrito sobre a charge em análise.

No contexto de análise dialógica dessa charge, é possível perceber sua direta relação crítica com o evento social Copa do Mundo. Nesses termos, Bakhtin (2010) afirma a importância de se compreender o contexto comunicativo para assimilação do repertório de sentidos de que se pode dispor um determinado texto, visto que os gêneros discursivos são formas comunicativas que são adquiridas nos processos interativos.

O efeito de sentido se dá na crítica destrutiva ao governo do Partido dos Trabalhadores a partir da concepção de que Dilma aliena e “compra” a população de baixa renda com os programas de bolsas, como é o caso do “Bolsa Família”.

O autor da charge se apropria da situação enunciativa/enunciação proferida no evento da abertura da Copa do Mundo para propagar a ideia de corrupção na política, o que, pela

linguagem não verbal, verificamos que provocou uma dor de cabeça para a presidente que precisa, sobretudo, nesse período de campanha eleitoral, se afastar de escândalos.

São relevantes as palavras de Sousa (2011, p. 158) para quem “o sujeito que fala, o sujeito que escreve ou o sujeito que lê desenvolvem atividades de interpretação, estão atribuindo sentidos às suas palavras e às dos outros”. Essa natureza ressalta o posicionamento da ADD de conceber que a apropriação do dizer se desenvolve pela relação dialógica entre as materialidades linguísticas e suas condições sócio-históricas de realização.

Portanto, dentro da relação de leitura de como a condição imagética da presidente Dilma é representada podemos observar que na Figura 01 o aspecto de Dilma é de acordo e felicidade, e já na Figura 02 é no sentido de reprovação, de tristeza e decepção, de quem já não tem mais a certeza de ser reeleita com tanta facilidade, como demonstra a sua expressão na Figura 01. Ainda, as vaias e xingamentos denunciam a insatisfação do povo brasileiro para com a administração da presidente Dilma Rousseff, bem como com a própria realização da Copa do Mundo no Brasil, devido aos grandes desvios e gastos de verbas públicas.

A seguir, no item 4.3.2, discutiremos as relações dialógicas presentes nas charges que tematizam a identidade da presidente durante a corrida presidencial.

4.4.2 Corrida Presidencial

Em 2014, o Partido dos Trabalhadores (PT) começou o ano em alta, visto que pesquisas apontavam um percentual de 39% para a atual presidente Dilma Rousseff. Com isso, a possibilidade de uma vitória da oposição era (bem) provável. O primeiro turno da eleição para o novo Presidente do Brasil foi realizado em 5 de outubro de 2014. Nenhum dos candidatos atingiu mais de 50% dos votos válidos, portanto um segundo turno foi realizado em 26 de outubro do mesmo ano, o qual apontava 43% dos votos válidos para Dilma Rousseff.

A atual presidente da República, Dilma Rousseff, foi reeleita pelo Partido dos Trabalhadores (PT), vencendo o senador mineiro Aécio Neves do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Esta eleição foi marcada pela morte de Eduardo Campos, que era o candidato do Partido Socialista Brasileiro (PSB), em um acidente aéreo no dia 13 de agosto de 2014. Ele foi substituído por Marina Silva que ficou em 3º lugar na eleição.

Porém, vale destacar que mesmo alcançando a reeleição, a presidente Dilma teve seu governo avaliado de maneira negativa. Em outras palavras, o levantamento de intenção de voto do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) também apontou os percentuais de

rejeição dos três primeiros colocados na disputa eleitoral. O instituto indagou aos entrevistados em quais candidatos eles não votariam de “jeito nenhum” para a Presidência da República.

Segundo a pesquisa, a presidente Dilma obteve o maior percentual de rejeição. Entre os entrevistados, 43% respondem que não votariam nela de jeito nenhum.

Aécio Neves e Marina Silva têm praticamente os mesmos percentuais de rejeição, 32% e 33%, respectivamente.

A seguir, analisaremos, dialogicamente, quatro charges que dizem respeito à temática das eleições presidenciais 2014, cuja figura da presidente Dilma Rousseff encontra-se em evidência.

FIGURA 03 – Corrida Presidencial (1º Turno)



FONTE: <http://www.jornaldebrasilia.com.br/noticias/politica/539731/disputa-para-reeleicao-de-dilma-e-tema-da-charge-desta-segunda-feira/>. Acesso em 02/10/2014.

A Figura 03 publicada no dia 31 de Março de 2014, no *Jornal de Brasília*, mesmo meio de veiculação e pelo mesmo chargista da Figura 01 (Nef), apresenta como conteúdo temático a luta pela corrida presidencial 2014. Na charge acima, Nef busca exprimir uma crítica em relação à reeleição da presidente Dilma Rousseff, representando-a, através do humor e ironia, em traços que despertam a atenção da sociedade que tem acesso a esse meio de comunicação. Traços estes que são disponibilizados por meio da criatividade da charge, a exemplo do suor, da corrida, da situação ofegante da presidente Dilma (o signo). Percebemos ainda uma mutação significativa da definição do signo, isto é, ocorre um trocadilho com a palavra “corrida presidencial”, uma vez que elencamos uma das categorias de análise “Corrida Presidencial” e, de fato, na Figura 03 observamos o cenário de corrida propriamente

dita. Entretanto, na eleição não ocorre uma corrida no sentido literal, mas a busca pelo voto na campanha eleitoral.

Partimos da premissa de que o sujeito produtor do discurso (o chargista Nef) lança mão das relações dialógicas para sustentar o seu ponto de vista em relação ao tema que aborda. Esta é uma das múltiplas e variadas formas do dialogismo.

Sendo assim, o chargista, ao buscar na pista de corrida subsídios para provocar o humor com a situação política brasileira, constrói os efeitos de sentidos para seu texto através da heterogeneidade discursiva de um enunciado que remete para outros discursos e, também, através do diálogo entre textos que tratam sobre a mesma temática, como aconteceu entre a primeira e a terceira charge. Isto é, o chargista procura retratar a tão sonhada vitória de Dilma no primeiro turno das eleições 2014, buscando demonstrar que se trata de um entusiasmo precipitado por parte dos petistas, uma vez que os resultados não fortaleceram tal confiança.

Daí, a importância do analista do discurso considerar o dialogismo, isto é, o conjunto complexo de relações discursivas que tece todo e qualquer enunciado a fim de compreender não somente a constituição linguística, mas também sua dimensão intertextual e, assim, os efeitos de sentidos responsáveis pelo humor na charge.

Portanto, na Figura 03, Nef projeta em seu discurso as vozes que representariam a opinião pública a respeito da reeleição da atual presidente (Dilma Rousseff). Tais vozes fazem reverberar sentidos de descrédito da população no governo de Dilma, bem como em uma posterior reeleição. Ocorre nesse discurso uma crítica contundente ao sistema político brasileiro e um desacordo que podem ser percebidos nas entrelinhas, uma vez que a imagem da placa “reeleição” aparece fugindo da presidente que, por sua vez, busca desesperadamente pelo segundo mandato. Portanto, o aspecto de Dilma é de cansaço e bastante ofegante, bem como é de extrema representatividade o gesto de sua mão (garra) que demonstra a ânsia de agarrar esse momento importante: a reeleição.

Nesse sentido, fica evidente pela concordância com as vozes que propagam o descrédito nos políticos, a falsidade de suas ações e encaminha seu discurso para uma acentuação de valor negativo sobre a política brasileira, visto que o chargista busca demonstrar essa crítica reflexiva através do humor e da ironia presente na Figura 03.

Desse modo, diante do exposto, a relação entre o elemento verbal e o contexto extraverbal permite extrair significados outros na construção de sentidos. Tais sentidos são ricos em sua natureza, pois são vinculados à vida social e abrem espaço para novos diálogos sociais e novos paradigmas políticos propagados em discursos.

Bakhtin (2010) afirma que o sujeito, para constituir-se discursivamente, apreende as vozes que circulam no âmbito sócio-histórico e a cada momento da história o enunciado assume um sentido diferente, pois o sujeito traz consigo as marcas dos aspectos sócio-históricos de sua relação com a sociedade.

Um mesmo discurso pode assumir diferentes sentidos dependendo do lugar em que é produzido e da ideologia do sujeito. E é interessante observar como o sentido das palavras se modifica, de acordo com a situação sócio-histórica em que é utilizada. Desse modo, analisando através da polifonia, as vozes sociais são apreendidas pelo sujeito. E é a partir disso juntamente com as relações dialógicas que o sujeito vai se constituindo discursivamente. Assim, observamos que a expressão “reeleição” já foi utilizada em outros momentos por outros discursos.

É importante ressaltarmos que, apesar da mesma expressão ser utilizada em contextos diferentes e com finalidades diferentes, o chargista, ao agir, assume uma responsabilidade pelo que enuncia, uma vez que, dependendo do contexto, o enunciado se torna único para aquele momento. E é exatamente isso o que acontece, pois a placa com a expressão “reeleição” faz menção a uma crítica para com o governo representado pela figura da presidente Dilma – eis o soar polifônico das vozes que dialogicamente se situam no processo de compreensão de gêneros. Na verdade, verificamos, para além de uma corrida, outra situação de possibilidade de construção de sentido: a fuga por parte da “reeleição” e o desespero por parte da presidente.

Percebemos que na Figura 03 a presidente Dilma encontra-se na disputa da reeleição, ou melhor, a disputa ocorre entre ela e a própria reeleição, o que denominamos de personificação¹² da reeleição. E, ainda assim, o chargista Nef expõe as marcas de uma crítica na imagem da placa da reeleição com pernas, isto é, atribui o sentido de que a provável reeleição não quer ser alcançada pela presidente. Portanto, vale destacar que o desespero presente na figura da presidente Dilma é proveniente dos escândalos que comumente são colocados na mídia em relação ao governo do PT, especificamente a presidente Dilma, a exemplo do Escândalo da Petrobrás.

Em outras palavras, constatamos que a imagem e a palavra presentes na charge apontam para o jogo de sentidos que há entre o visual e o verbal (como a representação das

¹² A personificação ou prosopopeia é uma figura de estilo que consiste em atribuir a objetos inanimados ou seres irracionais sentimentos ou ações próprias dos seres humanos, isto é, personificação pode ser descrito como uma figura de linguagem em que um objeto inanimado é personificado, ao atribuir características humanas e qualidades para isso. Em outras palavras, sempre que as emoções, desejos, sensações, gestos físicos e de fala são apresentados no contexto de coisas não-vivas, a personificação é dito ter ocorrido.

pernas na placa e a palavra “reeleição”), mostrando que há uma articulação entre os enunciados com as imagens, o que é uma característica típica deste gênero discursivo.

A seguir, apresentaremos mais uma análise dialógica de charge.

FIGURA 04 – Formação Presidencial



FONTE: <https://marcosalmeidalocutor.wordpress.com/2014/09/30/vox-populi-mostra-dilma-com-40-marina-com-24-e-aecio-com-18/>. Acesso em 10/10/2014.

A Figura 04 publicada no dia 30 de Setembro de 2014, no *Jornal de Brasília*, mesmo meio de veiculação e pelo mesmo chargista que as charges 01 e 03, (Nef), apresenta como conteúdo temático a corrida presidencial referente ao primeiro turno das eleições de 2014. Na charge acima, Nef aponta para um cenário eleitoral aparentemente instável, onde a presidente Dilma está concorrendo ferreamente com a candidata Marina Silva, destacando o sorriso da candidata ao observar que se encontra praticamente empatada na vitória contra a presidente Dilma. E, ainda, ambas encontram-se um pouco afastadas do candidato Aécio Neves.

Primeiramente, devemos ter ciência de que tudo na charge, não apenas nela, mas em qualquer texto produzido, reverte-se para o direcionamento axiológico apregoado. Toda imagem, seleção lexical, sintática e de argumentos, enquadramento dado à fala de outrem não é gratuito, tudo está a serviço dos interesses ideológicos a que o chargista se presta, refletindo o acento valorativo que ele carrega.

Assim, na Figura 04 se apresenta o posicionamento das pesquisas do primeiro turno¹³, apontando para uma possível vitória da atual presidente, bem como a candidata Marina Silva sendo a segunda mais bem votada, ressaltando a neutralidade representada na cor da roupa dela e, deixando Aécio Neves em terceiro lugar, o que posteriormente modificará no segundo turno¹⁴.

Levando em consideração o sujeito ideológico, segundo o Círculo de Bakhtin, afirma-se que o sujeito produtor da charge, ao tratar deste tema polêmico, constitui-se em um espaço de linguagem extremamente dialógico, pois no seu papel de sujeito traz para a produção do texto seus aspectos sociais e históricos, uma vez que o sujeito produtor da charge se torna porta-voz da população, expressando uma opinião pública. Mostrando, então, em seu agir, que assume seu caráter de responsabilidade pelo que faz, isto é, o caráter responsivo por seu ato.

Desse modo, destacamos que este sujeito (chargista Nef), ao ocupar um lugar social em que enuncia, faz com que esse espaço determine o que ele poderá dizer, pois ele é dotado de uma ideologia que estabelecerá as possibilidades de sentido do seu discurso. Dessa maneira, de acordo com Fiorin (2006a), o dialogismo é também o princípio de constituição dos sujeitos, pois estes agem sempre em relação a outros sujeitos e é nesse sentido que os mesmos se constituem.

É possível analisar, por meio do dialogismo de Bakhtin, o que a charge evidencia de dialógico e ideológico. Observa-se que o sujeito produtor da charge a construiu mediante uso das relações dialógicas e do discurso de outrem convocados pela Figura 04. Para isso, recuperou por meio do contexto do possível leitor, a disputa eleitoral de 2014, utilizando-se de enunciados e da linguagem mista (verbal e não-verbal). Porém, nesse contexto da charge, esses elementos aparecem revestidos de novos significados, como posteriormente ocorrerá na disputa do segundo turno.

Então, a charge 04 denigre a figura da presidente Dilma, o que se percebe na relação dialógica da imagem da presidente preocupada com o avanço da candidata Marina Silva e, portanto, já não possui a certeza de uma segura reeleição. Já podemos inferir que na Figura 03 a presidente está com uma imagem degradada, assim como na 04: na Figura 03 está correndo em busca de agarrar a reeleição com toda ganância e na 04 demonstra que ela está bem preocupada quanto a essa disputa com os dois candidatos.

¹³ O IBOPE, do dia 26 de agosto de 2014, aponta que Dilma subiu para 37%, Marina cresceu para 33%, enquanto Aécio caiu para 15%.

¹⁴ O último levantamento, divulgado dia 25 de outubro de 2014, mostrou Dilma 8 pontos percentuais à frente de Aécio Neves nos votos válidos.

Ainda, o aspecto de desconfiança do candidato Aécio Neves traz uma relação dialógica que permite inferirmos que ele se encontra olhando para Dilma Rousseff, mas com olhar meio distorcido para o avanço de Marina Silva, em consonância também com o seu, até então, baixo índice de desenvolvimento nas pesquisas.

Apresentaremos, a seguir, a Figura 05 que convocará outra possibilidade de análise dialógica, referente ainda à categoria “Corrida Presidencial”.

FIGURA 05 – Corrida Presidencial (2º turno)



FONTE: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tag/charge/>.
Acesso em 04/11/2014.

Roque Sponholz, chargista que publica na Revista *Veja*¹⁵, paranaense de Imbituva, é crítico ríspido ao governo de Lula e do Partido dos Trabalhadores. Sempre atento ao ir e vir da política e com visão muito analítica do contexto do país, o chargista possui um acervo de charges das mais contundentes, grande parte da pimenta reservada ao “presiMente”, como o artista define Lula. Portanto, o que torna esse enunciado concreto é o fato de que diante das atitudes errôneas – escândalos – do governo Lula, o mesmo vincula a ideia do sentido “Eu não sei de nada!”, muitas vezes dito pelo ex-presidente a sociedade acerca dos apontamentos críticos de seu governo. Entretanto, boa parte da população aponta Lula como um mentiroso e, com isso, confirma o enunciado concreto – “presiMente” – utilizado pelo chargista Sponholz.

¹⁵ A Revista *Veja*, especificamente no ano de 2014, comprou de forma severa uma briga com o PT, em especial com a presidente Dilma Rousseff. Ou seja, o chargista está preso a uma entidade midiática e isso se representa ideologicamente no seu dizer. Ainda, se fizermos uma análise das próprias capas da revista, é possível chegar a esse posicionamento analítico.

Sponholz é arquiteto e urbanista formado pela Universidade Federal do Paraná, e atualmente é professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa, onde leciona planejamento urbano e desenho técnico. Já foi vereador, mas hoje participa da política sem mandato, como chargista dos que “pegam pesado”, com contundência e talento inquestionáveis.

Neste gênero discursivo em análise, o chargista representa por meio de enunciados e imagens a disputa do segundo turno nas eleições presidenciais de 2014, tendo como pano de fundo a disputa maior entre o candidato Aécio Neves e a presidente Dilma Rousseff. Portanto, para entender a charge o público deve estar acompanhando as notícias sobre a política brasileira, ou caso não possua conhecimento sobre o assunto, a charge acaba despertando o leitor para que a polêmica em evidência não lhe passe despercebido.

Dilma se mostra com uma expressão séria, fechada, em um gesto de possível desagrado com a situação, *presumido* não só pela sua expressão, mas igualmente pelo seu gesto. Esse gesto de desagrado de Dilma e a imagem um pouco afastada do candidato Aécio entram em relação dialógica com o enunciado concreto “BIP BIP!”, deixando entrever uma entonação irônica a respeito do *tópico*, uma vez que “BIP BIP!” não tem sentido, nesta charge, de uma buzina de veículo, mas essa palavra toma sentidos de ultrapassagem forte no IBOPE.

O gesto de Dilma, de se posicionar furiosa, assim como a candidata Marina Silva diante do avanço significativo do candidato Aécio Neves, nessa relação do *dito* e do *não dito*, demonstra sua sede de ganância pela reeleição. Novamente o gesto une os dois elementos. Verifica-se, assim, um discurso de diversas vozes, como a voz da arrogância, da disputa e do pavor, conferindo um tom irônico ao discurso.

Então, observamos na Figura 05 que a imagem da presidente Dilma revela uma perspectiva negativa, uma vez que o olhar não é mais de felicidade como na Figura 01, mas de preocupação e raiva por estar um pouco atrás do candidato Aécio Neves, revelando uma provável perda na disputa para a presidência em 2014. Assim, a imagem do candidato Aécio apresenta-se feliz, confiante diante dessa ultrapassagem no IBOPE nas pesquisas para o segundo turno. A figura do então candidato é exposta na charge de maneira “isolada” das outras duas candidatas, isto é, bem a frente, assim como detém um aspecto de quem está inalcançável.

Nesta charge de Sponholz, o enunciado “BIP BIP!” se constitui como unidade de sentido que, por sua vez, se apoia na materialidade discursiva composta pelo hibridismo entre a linguagem verbal e a não verbal, característica típica do gênero em questão, fazendo, então, referência ao período do segundo turno da campanha política de 2014. Sendo assim, o

enunciado traz à tona a ideia de que o candidato Aécio está à frente nas pesquisas e que não existe possibilidade das outras candidatas o alcançarem, uma vez que o enunciado faz alusão ao som de uma buzina indicando o afastamento de outros carros para sua ultrapassagem, o que na Figura 05 indica a ultrapassagem inédita de Aécio para com a presidente Dilma.

Deste modo, o efeito discursivo que é obtido através da interação entre o que está manifestado verbalmente e visualmente nos leva a processar a produção de sentidos, visto que “o discurso não é a linguagem em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou verbal” (FERNANDES, 2008, p. 13), para que os efeitos de sentidos sejam produzidos.

A seguir, analisaremos a Figura 06 que, por sua vez, convocará possibilidades de análise dialógica acerca da temática eleições 2014, cujo foco está para a presidente Dilma Rousseff.

FIGURA 06 – Resultado das eleições 2014



FONTE: <https://latuffcartoons.wordpress.com/tag/charge/>.

Acesso em 25/11/2014.

Carlos Henrique Latuff de Sousa, autor da Figura 06, nasceu no Rio de Janeiro no dia 30 de Novembro de 1968. É cartunista e ativista político brasileiro.

Como já dissemos, a charge é um gênero discursivo importante para a sociedade, porque evidencia sua função comunicativa de apresentar uma visão crítica sobre os seus acontecimentos. No caso da Figura 06, verificamos o resultado das eleições presidenciais 2014, em que a presidente Dilma se reelege mesmo diante de tantas dificuldades enfrentadas antes e durante o período de eleição, através desses veículos de comunicação apresentados na charge (Revista *Veja*; Rede *Globo* e o Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB).

Percebemos, então, que quando compreendemos o sentido desta charge supracitada, não abrangemos apenas as estruturas linguísticas, mas sim as várias formas de entender a língua nas situações de comunicação. Os enunciados presentes mostram uma posição ideológica, isto é, o modo como os sujeitos veem o que está sendo posto na sociedade.

Sendo assim, a linguagem presente na Figura 06, seja ela verbal ou não verbal, é uma prática social e interativa que fornece o alicerce para a construção dos discursos. Discursos estes considerados como o processo social e histórico de produção da linguagem. O discurso é uma instância de relação social entre os indivíduos e por ser coletivo provoca variados efeitos de sentidos produzidos pelos interlocutores nas diferentes posições que ocupam na sociedade.

A charge denuncia a vitória da presidente Dilma Rousseff por meio dos elementos visuais: o alavanque dado em cima da Revista *Veja*, da rede de comunicação *Globo* e, por fim, do PSDB, representado diante do contexto pela figura do candidato Aécio Neves, o concorrente de Dilma na disputa para a presidência.

Como afirma Brait (2003a), a construção de sentidos de uma foto passa pelo tipo de relação que se estabelece entre os dois principais elementos focalizados, no caso da charge em análise, a presidente Dilma Rousseff e o Palácio do Planalto.

Nessa perspectiva, Faraco (2003, p. 27) evidencia “a multivocalidade como marca característica dos discursos, no sentido de que os enunciados de cada discurso têm um percurso que faz com que carreguem à memória de outros discursos”. Assim, um texto retoma outro texto, um discurso retoma outro discurso. De acordo com Barros (1994, p. 05), a polifonia atinge seu ápice da seguinte forma: “as vozes que dialogam e polemizam “olham” de posições sociais e ideológicas diferentes, e o discurso se constrói no cruzamento dos pontos de vista”.

Portanto, pode-se perceber que a relação dialógica existe, ainda, na presença do aspecto triste e de dor presente na expressão da capa da Revista *Veja* que, por sua vez, foi derrotada diante a presidente Dilma. Vale destacar que as pesquisas e reportagens da revista apontavam para a possível derrota da presidente e ainda denunciavam os escândalos do atual governo, buscando criticar e despertar na sociedade o alerta para caso uma possível reeleição.

Ainda, a figura da presidente Dilma aparece derrotando a barreira da Rede *Globo* de Telecomunicações, uma vez que a *Globo* denunciava os escândalos do atual governo, bem como apregoava pesquisas que rebaixavam a presidente. E, por fim, a imagem aponta para o alavanque da presidente que ultrapassa o PSDB, encabeçado nas eleições de 2014 pelo candidato Aécio Neves. Portanto, a presidente Dilma Rousseff alcança novamente o Planalto, com aspecto sorridente e feliz, indicando vitória com a mão fechada que remete ao

personagem Super-Homem, isto é, compara, dialogicamente, a figura de Dilma com o personagem animado que ultrapassa todas as barreiras que encontra em sua frente e, assim, alcança a vitória que deseja. Em outras palavras, na Figura 06 percebe-se que a presidente é enaltecida diante do salto dado para com os obstáculos superados.

Para finalizar nossas análises dialógicas, apresentaremos a seguir a última categoria, denominada “Escândalo da Petrobrás”.

4.4.3 Escândalo da Petrobrás

A Petrobrás é a maior empresa brasileira, de certa forma um dos principais símbolos da luta por um desenvolvimento do Brasil. É justamente por ser uma grande empresa, que cresceu muito nos últimos anos e pelo potencial de investimentos. A empresa se tornou cobiçada por todos os lados, visto que a empresa é controlada por interesses privados de grupos empresariais.

O controle estatal da empresa, contudo, não garante que ela seja controlada de fato pela maioria do povo brasileiro. Uma parte substancial do que é faturado pela empresa na sua produção vai, de fato, para o povo brasileiro, através de impostos, de salários dos trabalhadores, e agora, com as regras do pré-sal, uma parcela do que for produzido vai diretamente para a educação e para a saúde.

Mas, boa parte dos recursos compõe os lucros dos acionistas, e outra parte, voltada para ampliação e investimentos, vai para empresas terceirizadas, ou para as empreiteiras, que tocam grandes obras, quase sempre superfaturadas. Uma parte do dinheiro que essas empreiteiras receberam foi realmente investido nas obras, nos serviços, nos salários dos trabalhadores e nos impostos recolhidos. Contudo, outra parte significativa foi para a chamada corrupção ou caixa dois, ou desvio de verbas ou lucro superfaturado.

Entretanto, desde que Dilma Rousseff assumiu o mandato, no dia 1 de Janeiro de 2011, o valor das ações da Petrobrás desce em um ritmo constante. Em 17 de Março de 2014, as ações da empresa fecharam o dia cotadas a 12,57 reais, o menor valor desde 2005. A Petrobrás também deixou a 12ª posição no *ranking* das maiores empresas do mundo em valor de mercado, lugar que ocupava em 2010.

Foi-se o tempo em que o problema mais urgente do governo Dilma Rousseff era controlar a teimosa inflação. Agora, a presidente enfrenta um país “estarcido” – adjetivo amplamente usado por ela durante a campanha – com as investigações da operação Lava Jato,

que prendeu dezenas de executivos, além de fazer busca e apreensão de documento em diversas empresas fornecedoras da Petrobrás.

A seguir, apresentamos as duas charges acerca do Escândalo da Petrobrás e que impulsionaram as próximas análises dialógicas realizadas nesta monografia.



FONTE: <http://www.blogdogleberteixeira.com/2014/03/dilma-esta-no-centro-do-escandalo-na.html>. Acesso em 18/11/2014.

Sinfrônio de Sousa Lima Neto, ou simplesmente Sinfrônio (autor da Figura 07), cearense, leva a vida com humor por considerar uma maneira acessível de denunciar críticas sociais em evidência. Cartunista¹⁶ consagrado com diversos trabalhos publicados no âmbito do humor, é chargista do jornal *Diário do Nordeste* onde atua há sete anos, depois de dezesseis anos colaborando com o jornal *O Povo*, também do Ceará.

Publica a revista *Pau de Arara*, agora *online*, que veicula sátiras de TV, fotochacotas, entrevistas humorísticas e outras artes do humor de Sinfrônio. Além de produzir uma charge diária para o jornal de maior circulação do Ceará, Sinfrônio produz também charges animadas para a televisão usando modernos equipamentos de computação gráfica, modalidade em que foi pioneiro no Brasil.

¹⁶ O cartum se caracteriza como uma anedota gráfica em que nele podemos visualizar a presença da linguagem verbal associada a não verbal. Suas abordagens dizem respeito a situações relacionadas ao comportamento humano, mas não estão situadas no tempo, por isso, são denominadas de atemporais e universais, ou seja, não fazem referência a uma personalidade em específico. A charge, um tanto quanto diferente do cartum, satiriza situações específicas (em especial a esfera política), situadas no tempo e no espaço, razão pela qual se encontra sempre apontando para um personagem da vida pública, em geral, um político. Em se tratando da linguagem, também costuma associar linguagem verbal e não verbal. A diferença básica é que a charge sempre trata de assuntos atuais, de modo que podemos dizer que seu conteúdo efêmero tem período de validade e muitas vezes não tem alcance universal, apenas regional. O cartum é uma piada gráfica para temas universais.

A charge supracitada foi publicada no dia 24 de Março de 2014, isto é, logo após o início dos comentários acerca do Escândalo da Petrobrás. Publicada em um *blog*, conforme podemos ver na fonte, a charge é lida por um público-alvo que tem acesso a internet, um meio de comunicação bastante utilizado nos dias atuais e que possui uma grande acessibilidade e divulgação imediata dos fatos que ocorrem na sociedade e no país. Portanto, o chargista busca com essa publicação denunciar o ato de corrupção comandado pela presidente Dilma Rousseff, bem como alertar para a sociedade o que está acontecendo no Brasil. Com isso, problematizar as eleições e a disputa da atual presidente pela reeleição.

A Figura 07 tem como conteúdo temático a polêmica sobre o Escândalo da Petrobrás. Em outras palavras, há quase seis meses antes das eleições, a compra da refinaria de Pasadena, nos Estados Unidos, tornou-se a pauta da oposição ao governo Dilma Rousseff.

Nesse sentido, não podemos deixar de mencionar o posicionamento ideológico que os chargistas defendem. Afinal, todo texto carrega consigo a ideologia que o constitui. Esses artistas podem ser considerados cronistas de imagens, uma vez que, partindo do humor, se inscrevem como leitores do mundo e convidam seus interlocutores a partilharem suas leituras, por isso, podemos considerá-los como formadores de opiniões. Eles jogam com aquilo que pode gerar risos e trazem ao palco de seus textos as mazelas sociais, pois os personagens que neles são retratados são celebridades que representam a vida em sociedade. Por isso, “o desfile de presidentes, ministros – figuras representativas de um grupo social – serve para pôr a nu os erros e os desmazelos desses heróis” (OLIVEIRA, 2001, p. 266).

Os chargistas levam seus interlocutores a refletirem sobre o momento histórico, social, político e cultural que vive a comunidade social a qual se situam. É salutar que esses artistas tenham um olhar crítico frente à realidade, ironizem, trabalhem com os detalhes físicos dos personagens. Nesse sentido, Oliveira (2001, p. 266) relata que “os textos chargísticos constituem, por isso, um vasto material de memória social, sem a qual não poderia existir a História, que só se constitui pelo discurso [...] numa época bem datada, um conjunto de charges tem a força da narratividade”. Diante disso, as charges podem ser consideradas um vasto material em que a História da sociedade pode ser lida e interpretada.

Uma característica da Figura 07 que não podemos deixar de citar é que seus enunciados verbais aparecem de modo conciso, sintetizando várias ideias em frases curtas, a exemplo do “Caminhão-Tanque”¹⁷ que indica a problemática em evidência, o Escândalo da Petrobrás. Nesse caso, a interpretação é resultado de um processo no qual um enunciado

¹⁷ Como diz Bakhtin/Volochínov (2009, p. 99) cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções. Nela são inevitáveis as harmônicas contextuais (de gêneros, de orientações, de indivíduos).

sempre deixa vestígios no outro. Isto é, um enunciado é carregado de inúmeros outros e estes deixam vestígios nele.

Ainda, os elementos extraverbais são de fundamental importância para a compreensão da charge 07, a exemplo das marcas dos pneus do caminhão-tanque, marcas de óleo no chão e no corpo da presidente Dilma, o aspecto raivoso da presidente por ter sido derrubada. Esta é a leitura sem a qual o efeito de humor falha drasticamente. É a leitura na qual se espera o reconhecimento de informações partilhadas, de elementos dialógicos, de elementos históricos, de pequenos e irremediáveis feitos de políticos, de ironias etc.

Se os envolvidos no processo de leitura não compartilharem essas informações, o efeito de humor não é alcançado, como assegura Possenti ao explicar que uma charge “é completamente incompreensível se não se fornece um conjunto de informações” (POSSENTI, 2010, p. 145).

Aqui podemos observar como o artista Sinfrônio representa a situação: dá ao leitor a noção de espaço (uma estrada onde passou um caminhão-tanque da Petrobrás), a noção de tempo (cronológico, a data da publicação de tempo “discursivo”, no qual se reúnem o acontecimento abordado) e a noção de quem é o sujeito falante inserido naquela improvável enunciação (no caso, a figura da presidente Dilma Rousseff, identificada pela própria imagem). Portanto, extraímos como elementos visuais a figura da presidente Dilma, a placa “BR” indicando a marca da empresa Petrobrás que pertence ao Brasil, as marcas dos pneus do caminhão-tanque e as manchas de petróleo. Como elementos verbo-visuais temos o nome “Caminhão-Tanque” que nos leva a identificar sobre o conteúdo temático. E, ainda temos os elementos contextuais, como o momento histórico que a Petrobrás passa e a raiva da presidente Dilma por ter sido descoberto mais um escândalo do governo PT.

Portanto, verificamos que na Figura 07 Dilma está com aspecto raivoso, furiosa e derrotada, o que comprova através das marcas do caminhão-tanque que passou e derrubou a presidente, demonstrada nas marcas fixas na própria roupa. O que nos permite compreender esse sentido são as marcas das relações dialógicas presentes na charge, bem como seu contexto extraverbal. Assim, o contexto de denúncia do Escândalo da Petrobrás e a imagem denunciam esse acontecimento através da figura da presidente Dilma no chão logo após ter sido atropelada por um caminhão-tanque que deixa vestígios e marcas de óleo na sua roupa e no próprio chão.

Com isso, podemos afirmar que a Figura 07 critica Dilma, uma vez que eleva uma crítica social e busca denunciar a sociedade o fato que está acontecendo no Brasil poucos meses antes das eleições presidenciais de 2014. Portanto, devido a leitura dessa charge a

sociedade pode encarar o escândalo observando-o a partir de uma nova maneira de pensar e agir, bem como estimular a participação popular frente a tais polêmicas. Logo, convoca a sociedade a refletir criticamente. Ou seja, este é o compromisso discursivo do gênero em função das práticas sociais.

Apresentaremos, nesse momento, a última charge que compõe o *corpus* desta pesquisa e que está elencada na última categoria de análise deste trabalho, “Escândalo da Petrobrás”.

FIGURA 08 – Escândalo da Petrobrás II



FONTE: <http://www.esmaelmorais.com.br/2014/04/charge-do-dia-dilma-na-campanha/>
Acesso em 28/11/2014.

O autor da Figura 08 é o cartunista, chargista e ilustrador Elvis Braga. Nasceu em Tefé, interior do Estado do Amazonas. Músico e desenhista por formação, iniciou a carreira de cartunista por acaso. Incentivado a procurar um jornal, ingressou no *Diário do Amazonas* (Manaus/AM), passando pelos jornais *Correio Amazonense* (AM) e *O Repórter* (AM). Possui o site *Elvis Caricaturas*, onde exibe um pouco do seu trabalho, além de chargista do jornal *Amazonas Em Tempo* (Manaus/AM).

O conteúdo temático da Figura 08 refere-se ao Escândalo da Petrobrás, bem como através das relações dialógicas podemos inferir que se encontra associado ao movimento “Eu não mereço ser estuprada” desenvolvido no Brasil.

A campanha brasileira “Eu não mereço ser estuprada” é contra o abuso sexual e o machismo. O movimento começou nas redes sociais, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *Tumblr*, após a pesquisa do Instituto Econômico de Pesquisa Aplicada (IPEA), do governo federal, indicar que 65% dos entrevistados acreditam que mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas. Portanto, em meio ao agitado noticiário da Petrobrás,

o chargista Elvis fez um desenho colocando a petrolífera dentro do contexto de protesto que agitou as redes sociais.

A Figura 08, publicada no dia 03 de Abril de 2014, traz a tona uma crítica à crise provocada na grande estatal brasileira, isto é, o chargista Elvis disponibiliza essa charge com uma crítica ao escândalo envolvendo uma das maiores multinacionais do país. Símbolo da prosperidade brasileira, a empresa virou alvo de suspeitas de desvios de recursos.

O título da charge, indicado através do enunciado concreto “Dilma apoia o movimento”, faz referência ao outro enunciado presente na charge: “Não mereço ser estuprada”. Então, percebemos uma relação entre o movimento das mulheres, ocorrido no Brasil, e o Escândalo da Petrobrás que foi descoberto e estampado na mídia para a sociedade.

Ainda, vale ressaltar que o aspecto da presidente Dilma é tenso e de desagrado com a situação que está sendo exposta, bem como o seu corpo despido de vestimenta apresenta a relação dialógica própria do movimento que tem como tema principal a liberdade para com o corpo feminino. Assim, as marcas de óleo que tornam o corpo da presidente manchada reforçam a ideia de que a mesma encontra-se em situação suja, de descoberta e que roga com o olhar piedoso, desconfiado para não adentrarem em seus planos.

Os elementos presentes na Figura 08 nos permitem compreender as relações dialógicas, proferidas contra a presidente, uma vez que observamos o tonel derrubando óleo que apresenta o rótulo “BR” que dá significado a empresa Petrobrás, bem como a própria poça de óleo em que a presidente Dilma encontra-se sendo afogada.

Assim, observamos a relação dialógica na crítica e no teor irônico da presidente Dilma ao aderir a essa campanha “Não mereço ser estuprada”, que faz relação ao caso da Petrobrás, visto que a mesma não quer ser descoberta, isto é, não concorda em ser invadida para averiguação deste caso que, para ela, a empresa é propriedade do atual governo, o qual ela é a presidente. Vale lembrar que a campanha do “Não mereço ser estuprada” propunha uma liberdade das mulheres para com seu corpo, o que na charge 08 traz a tona a ideia da presidente não ser desvendada em suas possíveis atitudes corruptas para com a política brasileira.

Em outras palavras, a relação dialógica ainda permite-nos aferir que a presidente não é de acordo com sua exposição para com o caso Petrobrás, ou seja, ela não pode se “sujar” (óleo) com esse escândalo e não merece ser estuprada (no sentido de descobrir os seus escândalos).

Com isso, o chargista Elvis pretende divulgar e criticar, principal característica do gênero em estudo, os escândalos que a presidente Dilma Rousseff se envolveu durante o seu

mandato como presidente e influenciar na população a vontade de protestar em busca de justiça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM OLHAR QUE PERMITE DIALOGISMOS

Sabemos que o discurso se efetiva por meio do discurso verbal e da situação extraverbal. Assim, não há como divorciar esses dois aspectos sem perder sua significação, pois a situação extraverbal está longe de ser causa externa de um enunciado. De acordo com a teoria dialógica do Círculo de Bakhtin, a relação entre o verbal e não-verbal, entre o dito e o não-dito se dá por meio da entoação, do gesto, do conhecimento do contexto extraverbal e do espaço comum dos falantes, bem como da parte percebida e parte presumida – e ainda das relações entre locutor e interlocutor. São todos esses elementos indissolúveis no todo do enunciado e, por meio das relações dialógicas entre eles, [os elementos] os sentidos se constroem e se (re)atualizam a cada novo contexto de uso da linguagem.

Desse modo, no caso do gênero charge, um texto complexo, apesar de ser conciso, curto e temporalmente limitado, onde há necessidade de articular a linguagem mista (verbal e não-verbal) para construir os sentidos, esses elementos se mostram eficientes. Tentamos aqui mostrar como tais elementos se entrelaçam, através de oito charges sobre a Copa do Mundo, a Corrida Presidencial e o Escândalo da Petrobrás. Obviamente, fizemos uma análise sucinta e que pode ter diferentes olhares e outros aspectos a serem analisados. Procuramos, apenas, mostrar um dos diversos olhares possíveis.

Assim, a charge se mostra um texto crítico e dialógico, devendo ter lugar privilegiado nas instituições jornalísticas, bem como nas instituições acadêmicas e escolares. Podemos concluir, portanto, que a teoria dialógica bakhtiniana, através do discurso, pode construir um alicerce profundo para uma análise rica de charges.

Cumprir dizer que constatamos nesta análise, a partir da concepção de discurso como produto de relações dialógicas, a possibilidade de tecer a leitura da verbo-visualidade nas charges elencadas por meio da concepção de discurso: de que os enunciados são postos a circular e significar no ambiente sócio-histórico por meio de uma relação dialógica que os concebe e lhes permite a criação de um outro enunciado que produz um outro sentido.

Com este trabalho, observamos o quanto é fértil um estudo do discurso aliado à abordagem do gênero, uma vez que o gênero discursivo charge é um lugar móvel, no qual se encontram o sujeito, a língua e a História para a atualização de enunciados e, por sua vez, para construir efeitos de sentidos para o texto.

As relações dialógicas que ocorrem entre os enunciados que circulam pela sociedade dialogam para a constituição do discurso humorístico e, dessa maneira, criar novas significações, ou melhor, atribuir novos sentidos ao já dito, como acontece com o gênero

charge, que se apropria de diferentes discursos dispersos para formar o discurso humorístico, objetivando satirizar uma situação social. Dessa forma, percebemos, por meio das análises, que cada charge fez emergir diversos outros discursos que circulam socialmente sobre a situação da política brasileira. Apareceram, desse modo, apenas uma charge (06) que acentua positivamente a figura da presidente Dilma Rousseff, representando um total de 12,5% do total de charges analisadas neste trabalho. E, percebemos, na sua maioria, vozes sociais que acentuam negativamente a presidente, conforme as charges 01, 02, 03, 04, 05, 07 e 08. Entender tais valorações torna-se relevante do ponto de vista social, uma vez que possibilita-nos construir um olhar crítico a respeito de um assunto que afeta diretamente a vida dos sujeitos. Do ponto de vista teórico, tais discussões, à luz da ADD, ampliam as possibilidades de diálogos entre conceitos teóricos e filosóficos e discursos reais, vivos e dinâmicos, materializados em gêneros, como é o caso das charges analisadas.

A realização deste trabalho esteve pautada pelo interesse em reunir perspectivas teórico-metodológicas da ADD importantes para o estudo da linguagem, seja ela verbal e não-verbal, as quais abarcam o dialogismo constitutivo da linguagem, o discurso dialógico, a interação verbal, o sujeito ideológico, a polifonia. O objetivo de analisar as relações dialógicas na construção da identidade da presidente Dilma Rousseff no gênero discursivo charge, segundo a ótica de Bakhtin, se deveu pelo fato de que há um jogo discursivo de diversas vozes que perpassam nesse texto.

A enunciação dos sujeitos ideológicos mostrou que as vozes se sobrepõem e constituem esses sujeitos, pois os mesmos utilizam os discursos de outrem para projetar nos seus o propósito comunicativo pretendido. Percebemos que os enunciadores das charges analisadas, ao fazerem uso de enunciados já citados, trazem para o seu discurso campos semânticos distintos como fatos sociais de outras ordens, que não a política, para, criativamente, produzirem charges políticas. Assim, devemos considerar o lugar em que é produzido e o sócio-histórico e ideológico dos sujeitos. Identificamos, com isso, que o sujeito, ao fazer uso da língua num dado contexto, constitui o que Bakhtin diz: o “eu” está sempre em relação ao “outro” nos processos discursivos, instituindo o caráter dialógico.

Pudemos perceber que o sujeito produtor da charge ocupa um espaço sociocomunicativo que, ao fazer uso da linguagem, coloca-se entre o individual e o social. Em outras palavras, ao fazer uso do que é seu (o modo como constrói o gênero charge, aqui entra a organização temática, o estilo e a construção composicional, além de fazer uso de sua opinião) coloca-se também no uso do que vem do(s) outro(s), pois esse sujeito ocupa um espaço em que perpassa inúmeros discursos que são resultantes de sua interação com seus

interlocutores, isto é, de sua vivência sócio-histórica e ideológica. Isso quer dizer que, esse sujeito, em seus enunciados, expressa ao mesmo tempo tanto a palavra do outro, quanto o modo como a toma para o seu discurso, que pode ser ironizada, parodiada, polemizada etc.. Então, faz uso dos elementos linguísticos, bem como dos enunciativo-discursivos para a construção de seu texto, o que podemos considerar que ele se torna um porta-voz da sociedade, ou seja, de todos que compartilham a mesma opinião.

Ainda, participam da construção do ponto de vista divergentes ecos dialógicos que podem ser interpretados com base nos textos do mesmo jornal, a exemplo do *Jornal de Brasília*, ou presentes nas relações dialógicas. O conjunto carrega representações heterogêneas, às vezes contraditórias, tece o processo de enunciação, o ponto de vista do jornalista e uma representação do evento na mídia. Tendo em vista que os discursos das mídias são mediadores de outros discursos, orquestradores de vozes e pontos de vista sobre os eventos, a análise dialógica é incontornável. Ela proporciona uma compreensão crítica dos discursos e pode contribuir para uma maior autonomia dos leitores em relação ao que é difundido pelas instituições midiáticas como “fatos” e “verdades”.

O percurso realizado neste trabalho possibilita aos analistas do discurso rever várias noções fundamentais, tais como: enunciado, enunciação, gênero do discurso, polifonia, efeitos de sentido, entre outras. Além disso, as análises permitiram entender como essas noções podem ser percebidas em textos do cotidiano.

Neste sentido, como forma de responder ao questionamento assumido no início da pesquisa, evidenciamos que as representações dialógicas denunciam ou faz surgir compreensões que demonstram nas charges aspectos, sobretudo, de reprovação à figura da Dilma Rousseff, em conformidade com as próprias especificidades e dimensões genéricas difundidas por Bakhtin em relação ao gênero (estilo, composição e tema) que traduzem as próprias especificidades do gênero trabalhado nesta monografia, a saber: a charge, que tem por natureza imprimir ironia, crítica, traduzir ou sugerir reflexões sociais que subjazem as condições específicas do uso da linguagem dialogicamente situada. E, sendo assim, olhar este gênero à luz da teoria de gêneros e à luz da teoria de Bakhtin é a grande questão contributiva deste trabalho.

Ressaltamos que o estudo realizado não é conclusivo, por isso, outras compreensões das charges selecionadas por nós podem surgir. Porém, mesmo que isso ocorra, já não será mais esta enunciação que irá vir à tona e sim outra, pois sabemos que a enunciação não se repete: é impossível remontar todos os elementos que possibilitaram que tal enunciado surgisse.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **Para uma filosofia do ato**. São Carlos - SP: Pedro & João, 2010.

_____; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 13. ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.

_____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora F. Bernardini *et al.* 4 ed. São Paulo: Editora da UNESP, HUCITEC, 1998.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____; VOLOCHINOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte**. Tradução de Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza. Circulação restrita, 1926.

BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, C. A; TEZZA, C, CASTRO, G. (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: UFPR, 2007, p. 21-38.

BARROS, N. **As múltiplas faces da incongruência: uma introdução ao estudo do texto humorístico**. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS. Porto Alegre, 1994.

BARONAS, R. L. & SIQUERI, M. S. Derrisão em caricaturas políticas: observações sobre interincompreensão intersemiótica. In: NOLASCO, E. C. & GUERRA, V. M. L. (Orgs) **Discurso, Alteridades e Gênero**. São Carlos - SP: Pedro e João, 2006, p. 56-70.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENITES, S. A. L. Sentido, História e Memória em Charges Eletrônicas: os domínios do interdiscurso. In: POSSENTI, S.; PASSETI, M. C. (Orgs.). **Estudos do texto e do discurso: política e mídia**. Maringá: EDUEM, 2010, p. 149-176.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 191-200.

BONNAFOUS, S. Sobre o bom uso da derrisão em J. M. Le Pen. Trad. de Maria do Rosário Gregolin e Fábio César Montanheiro. In: GREGOLIN, M. R. (Org.). **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Paulo: São Carlos, Claraluz, 2003, p. 35-48.

BRAIT, B. Reflexões dialógicas: de olho no verbal, piscando para a imagem. In: MACHADO, I. L.; MENDES, E. (Orgs.). **Discurso e imagem**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012, p. 02-85

_____.; MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: _____. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 61-78.

_____. **Ironia: em perspectiva polifônica**. 2. ed. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 2008.

_____. Análise e teoria do discurso. In: _____. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 09-32.

_____. **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2 ed. rev. São Paulo: Campinas - SP, Editora da UNICAMP, 2003a.

_____. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: _____. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 2003b, p. 87-98.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 35-87.

CHIZZOTTI. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Portugal: Revista Portuguesa de Educação, 2003. Nº 02. Ano 16. p. 221-236.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin**. Traduzido por J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FARACO, C. A. **Linguagem e Diálogos: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2003.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos - SP: Claraluz, 2008.

FERREIRA, M. C. L. **A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso: da ambiguidade ao equívoco**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 2004a.

FERREIRA, E. G. **Charge: uma abordagem parodística da realidade**. Dissertação de mestrado. Universidade Vale do Rio Verde, 2004b.

FIORIN, J. L. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D.; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: EDUSP, 2006a, p. 83-101.

_____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006b.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zaltar, 1991.

GREGOLIN, M. R. V. AD: descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, P. **Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e método**. São Carlos: Editora Claraluz, 2006, p. 19-34.

HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000a.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro: DPU&A, 2000b.

JARDON, D. **Du comique dans le texte littéraire**. Bruxelles: De Boeck-Duculot, 1988, p. 23-96.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **L'énonciation, de La subjectivité dans Le langage**. Paris: Armand Colin, 1988.

KRAMER, S. **Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica**. Campinas: Revista Educação e Sociedade, 2003. Nº 18. Ano 60. p. 15-105.

LAKATOS, I. **O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica**. São Paulo: Cutrix, 2001.

MACÊDO, J. E. T.; SOUZA, M. L. G. **A charge no ensino de história**. Disponível em: http://www.anpuhb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2004%20-%20Jos%C3%A9%20Emerson%20Tavares%20de%20Macedo%20TC.PDF. Acesso em 06/07/14.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In. BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos chaves**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 45-97.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva da raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2002.

_____; FABRICIO, B. F. **Discursos e vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas**. Veredas: Juiz de Fora, v. 11, n. 2. p. 11-30, 2004.

MOTTA-ROTH, D; HENDGES, G. H. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NASCIMENTO, E. P. Gêneros jornalísticos na sala de aula: desenvolvendo habilidades leitoras. In: PEREIRA, R. C. M. **Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010, p. 56-87.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2001.

PILLA, A.; QUADROS, C. B. **Charges: uma leitura orientada pela Análise do Discurso de linha francesa**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2082-1.pdf> . Acesso em: 14/06/2014.

PINHEIRO, P. A. **Bakhtin e as identidades sociais: uma possível construção de conceitos**. São Leopoldo: Rio Grande do Sul, 1997, p. 15-67.

POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo, SP: Parábola, 2010.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTAROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 152-183.

ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia**. Maringá: EDUEM, 2000.

SILVA, A. P. P. F. Bakhtin. In: OLIVEIRA, L. A. (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 45-69.

SILVA, D. B. **A charge em sala de aula**. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/05/03/2011.htm>. Acesso em 22/02/15.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

SOERENSEN, C. **A Profusão Temática em Mikhail Bakhtin: Dialogismo, Polifonia e Carnavalização**. Travessias, Paraná, v. 03, n. 01, 2009.

SOUSA, M. I. P. O; MACHADO, R. B. O verbal e o não verbal na produção de efeitos de sentidos no gênero charge. In: CRISTOVÃO, V. L. L; NASCIMENTO, E. L. (Orgs.). **Gêneros Textuais: teoria e prática II**. Palmas e União da Vitória, PR: Kayangue, 2011, p. 59-71.

SOUZA, H. V. A. **A charge virtual e a construção de identidades**. Recife: Editora da UFPE, 2008.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **A pesquisa e a produção de conhecimentos**. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/2010/123456789/196/3/01d10a02.pdf>. Acesso em: 07/07/14.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. P. 05-133.

VOLOSHINOV, V. N. **A estrutura do enunciado**. 1930. Tradução de Ana Vaz, para fins didáticos, com base na tradução francesa de Tzevan Todorov (“*La structure de l'énoncé*”), publicada em Tzevan Todorov, *Mikhail Bakhtin – Le principe dialogique*. Paris, Seuil, 1976.